

Revista de
arquitetura
e design do
escritório
FBA

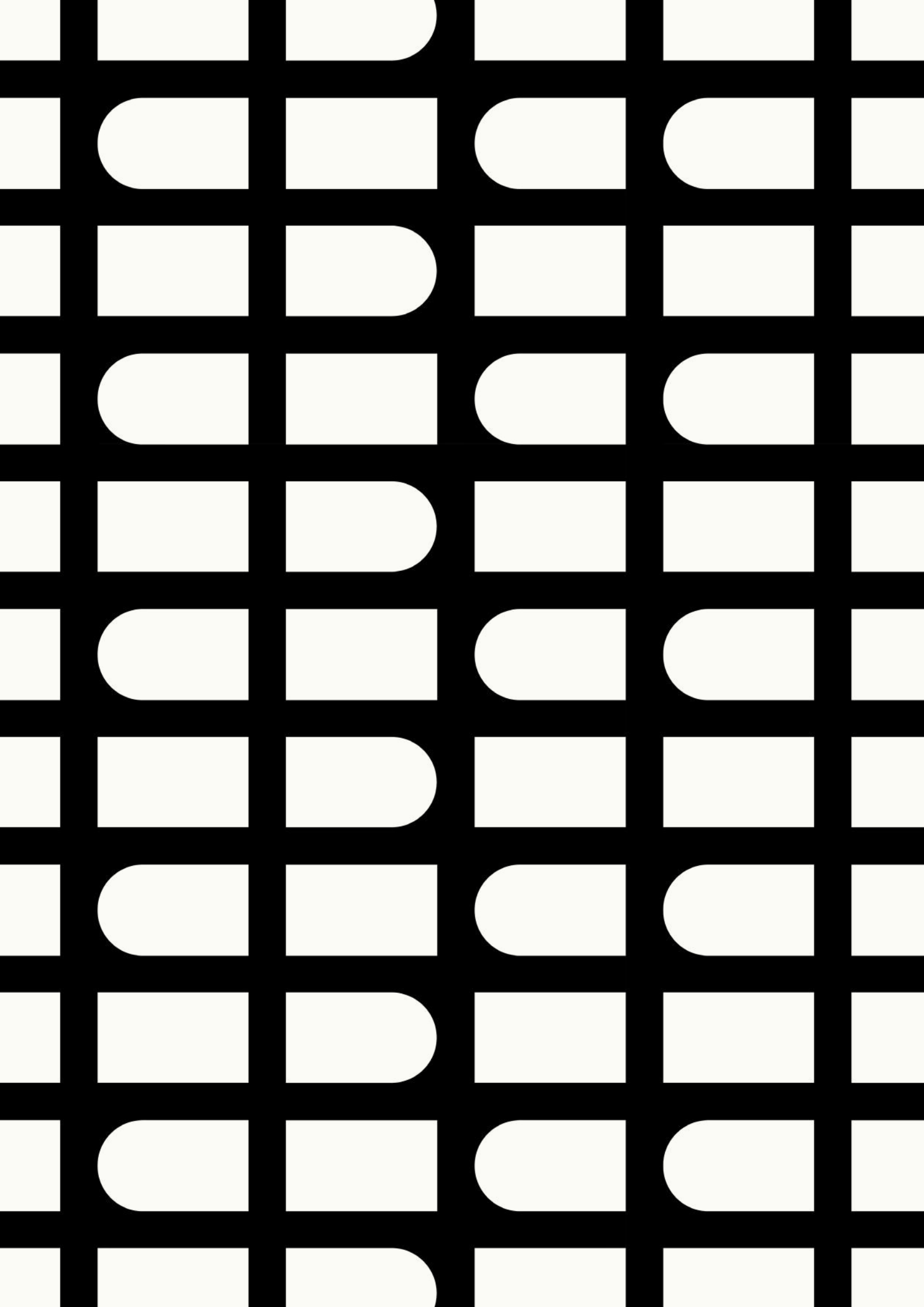
001
JAN/FEV/MAR 26

* Projeto, Polígono,
Perspectiva, Pessoas,
Processos

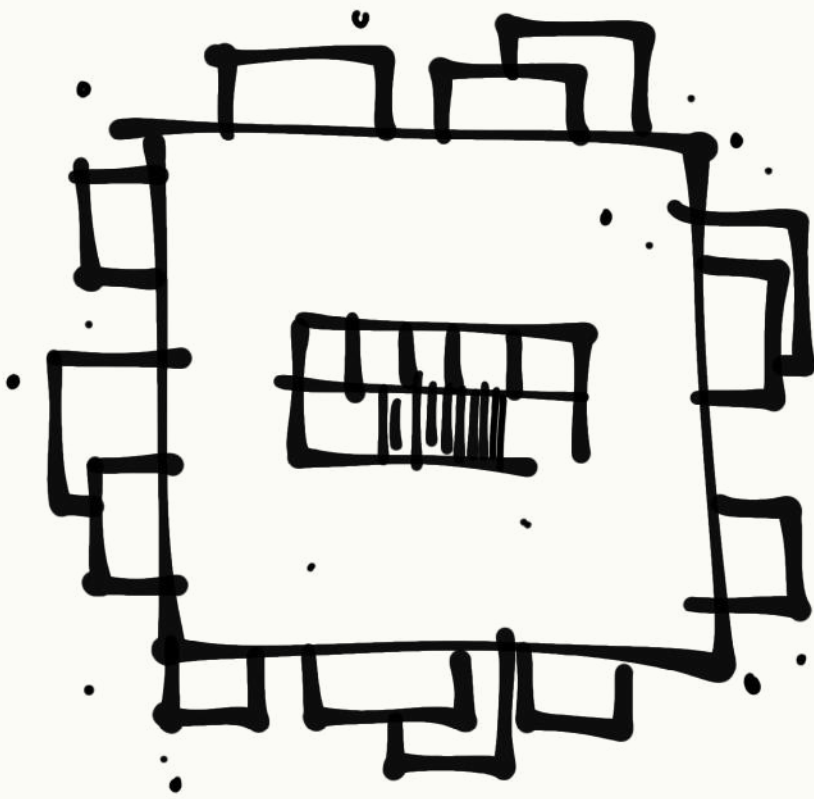
Tetrix

Edifício corporativo em
complexo multiuso





P*



O que significa P*? Antes que algum engraçadinho diga que é a abreviação de alguma palavra de baixo calão, os precavidos editores deste volume deixaram uma pista na capa acerca de seu significado. P* seria uma referência a palavras múltiplas correlacionadas ao ato de projetar espaços, tais como projeto, polígono, perspectivas, pessoas e processos. Como ato falho, penso que P* também poderia ser “publicar-se”, uma vez que se trata de uma revista do escritório FBA, uma plataforma de divulgação sobre a própria produção do ateliê e assuntos que interessam a mente por detrás desta iniciativa – o arquiteto Felipe Bezerra.

Bezerra é um projetista cuja idade lhe permitiu viver em dois momentos diferentes no que diz respeito a maneira como os arquitetos absorvem conhecimento. Isso porque, quando começou a trabalhar, a atualização profissional era adquirida através da leitura de revistas de arquitetura – gênero da imprensa especializada na qual P* se enquadra – que tinham o poder de informar a classe quais edifícios detinham qualidade, faziam pensar, propunham novos caminhos a ponto de merecerem serem conhecidas por todos.

Neste passado recente, um arquiteto considerado atualizado era aquele que mantinha um contato físico constante com as páginas das revistas, nas quais estavam impressas uma quantidade enorme de informações. Com louvor e apetite, Bezerra se enquadrava neste time, pois sempre fez questão de se manter a par das novidades, conservando, de maneira incomum, o interesse pelo trabalho alheio.

Com o advento da internet, os arquitetos passaram a se informar através de sites, que, de certa maneira, mantinham a lógica das revistas – ou seja, a divulgação era mediada por um editor. Com o advento das mídias sociais, tudo mudou: cada escritório de arquitetura precisou dirigir seu próprio veículo de comunicação – sua conta no Instagram, por exemplo –, passando também a ser editor de si próprio.

P* mistura os dois momentos vividos por seu editor: de um lado, organiza o conteúdo com a lógica das revistas – que continuam encantando Bezerra –, e de outro, comunica-se diretamente com leitores e clientes, tal como no Instagram, mas sem a mediação das plataformas digitais. No novo caminho a ser traçado por P*, longa vida a socialização de Felipe Bezerra!



PRW
26

Conheça os lançamentos a partir
do dia 02 de fevereiro em nossa loja.

Portobello
shop

PORTOBELLO SHOP NATAL
Avenida Hermes da Fonseca, 603
@portobelloshopnatal





Onde o projeto ganha vida
A natureza ao extraordinário



@companhiadomarmore

Av. Rio Madeira, 151 - Emaús, Parnamirim - RN.

Há 20 anos, a **Companhia do Mármore** é referência em excelência, segurança e qualidade em seus projetos.



Licenge x FBA

arquitetura, confiança e visão compartilhada

A Licenge e o escritório F.B.A. constroem, juntos, uma parceria sólida, baseada em confiança, troca criativa e resultados consistentes. Ao longo dessa trajetória, os dois times assinam projetos que traduzem visão contemporânea, atenção aos detalhes e soluções arquitetônicas alinhadas ao estilo de vida de Búzios.



Essa colaboração já se materializa em quatro empreendimentos desenvolvidos em conjunto: Búzios Almare, Búzios Wave, Búzios 8967 e Tetrix. Projetos com identidades próprias, mas conectados pelo mesmo cuidado conceitual e técnico, reforçando uma atuação integrada entre incorporação e arquitetura.



Licenge: 32 anos construindo confiança, qualidade e resultados.

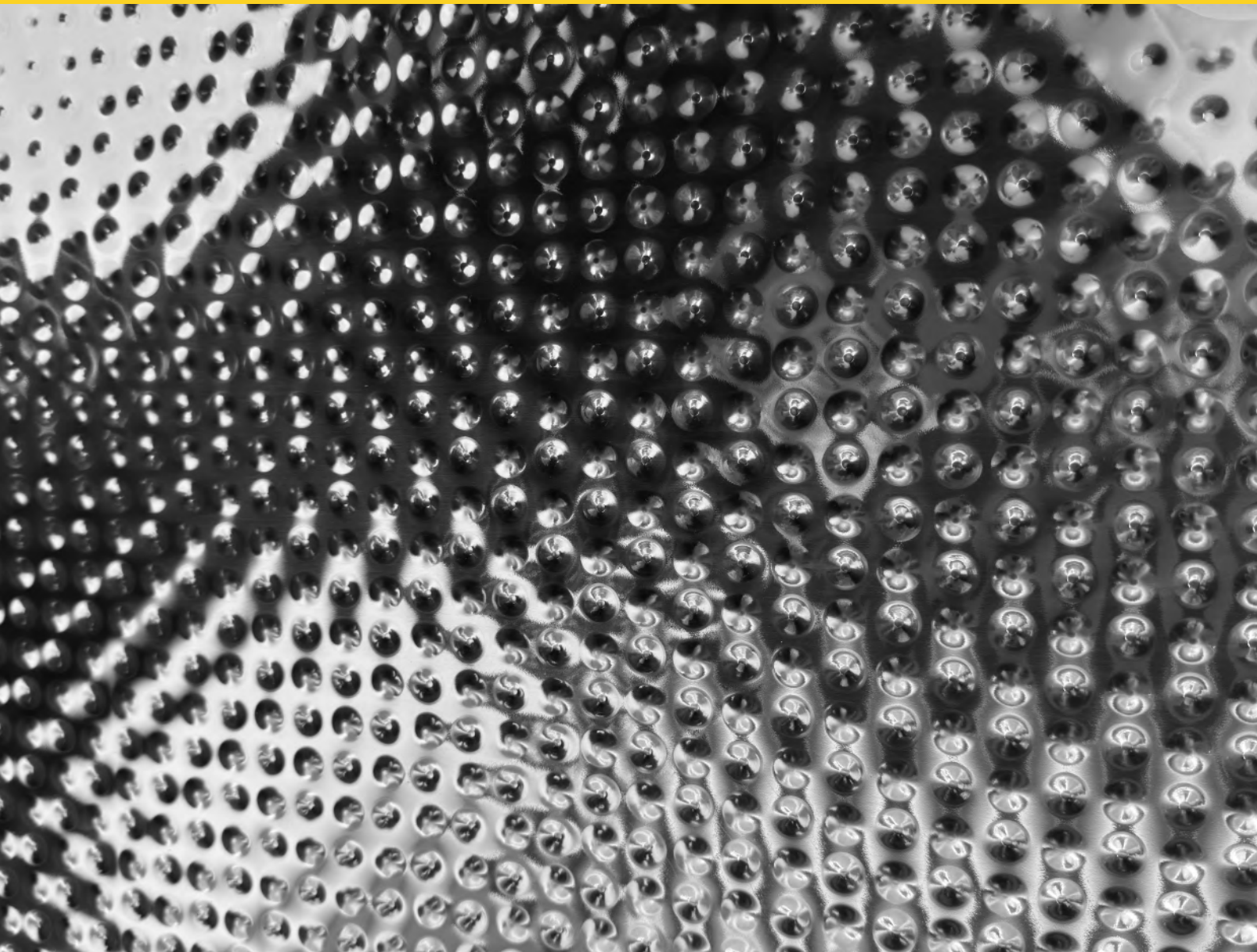
Com 32 anos de atuação, a Licenge consolidou-se no cenário potiguar como referência em qualidade técnica, cumprimento de prazos e respeito aos clientes. Desde 1994, a construtora já entregou 27 edifícios residenciais, além de projetos educacionais, hospitalares e empreendimentos de alto padrão.



O cuidado com os detalhes, a qualidade do acabamento, a possibilidade de personalização das unidades e o rigor no cumprimento dos prazos reforçam a Licenge como uma escolha segura para morar ou investir.

Celebrar os 32 anos da Licenge é celebrar uma história construída em parceria, com solidez, confiança e compromisso com o futuro.

Vamos em frente!



PROGRAMA

- | | | | |
|----|--|----|---|
| 03 | P* DE PUBLICAR-SE
Por Fernando Serapião | 42 | Prateleira |
| 14 | Playlist | 44 | Parafernália |
| 15 | Prefácio | 46 | Perfil
Riken Yamamoto |
| 16 | Participantes | 52 | Permanência
Hermes 880 |
| 17 | Palavra | 58 | Photo
Nagakin Capsule Tower |
| 20 | Páginas verdes
Entrevista com Felipe Bezerra | 62 | Périplos
Por Ana Doria Galvão |
| 22 | Prancheta
Tetrix | 65 | Puxadinho
por Adão Iturrusgarai |
| 30 | Ponto de Vista
Metabolismo potiguar | 66 | Próxima edição |
| 32 | Processo
Cadeira IOCO | 68 | Post-Scriptum |
| 36 | Produto
Mesa de Xadrez Cambito | | |

PLAYLIST

A cada edição, a Revista P* apresenta um recorte das músicas que estamos ouvindo no momento, reunindo estilos, ritmos e épocas distintas que compõem o repertório e acompanham o cotidiano do escritório. De Rosalía a Chico Chico, de Miles Davis a João Gomes, a seleção de 30 músicas propõe uma escuta randômica, valorizando contrastes e encontros inesperados que refletem a diversidade de referências do nosso processo criativo.



 REVISTA P* 001

PREFÁCIO

A Revista P* nasce como um espaço pensado para proferir e compartilhar o pensamento arquitetônico do escritório FBA com o cidadão, usuário cotidiano das cidades. Parte-se da convicção de que a discussão sobre a construção da cidade, conduzida por arquitetos e urbanistas, é hoje de importância fundamental diante dos desafios contemporâneos do habitar, da mobilidade, da permanência e da vida coletiva. A revista se propõe como um território de troca de experiências e ideias, navegando pelos universos da arquitetura, do design, da arte, do urbanismo e da cidadania, aproximando reflexão teórica e prática projetual. Ao tornar público esse pensamento, a Revista P* busca reduzir distâncias entre a filosofia arquitetônica e urbanística do escritório e a vida concreta da cidade, estabelecendo um diálogo direto, acessível e contínuo com aqueles que a habitam e a transformam diariamente.

Esta primeira edição se abre com o texto P* de publicar-se, especialmente escrito por Fernando Serapião, que interpreta a revista como gesto de socialização do próprio pensamento e a situa entre a tradição editorial impressa e a comunicação direta contemporânea, reconhecendo na iniciativa uma síntese entre memória e autonomia autoral.

A partir desse posicionamento, a edição se estrutura em um recorte claro e intencional, no qual projeto, pensamento e memória se articulam como um único percurso editorial. O eixo central está na Prancheta, com o projeto Tetrix, apresentado como exercício de síntese entre conceito, estratégia espacial e relação urbana, refletindo o momento atual de investigação e amadurecimento do escritório FBA.

A revista se abre ao diálogo nas Páginas Verdes, com uma entrevista com Felipe Bezerra que aborda tanto o momento do escritório FBA quanto a própria ideia da Revista P*, entendida como extensão natural da prática profissional e do interesse contínuo por arquitetura, livros e cultura editorial. A conversa estabelece o tom da edição e explicita o desejo de construir um espaço permanente de reflexão.

A memória material e o pensamento projetual aparecem na seção Patrimônio, que resgata a cadeira loco, desenhada em 2019 durante uma viagem, como exemplo de objeto recente que concentra reflexão, experimentação e intenção de permanência enquanto design. Em continuida-

de, a seção Produto apresenta a mesa de xadrez Cambito, tratada como desdobramento contemporâneo do fazer arquitetônico, onde projeto, uso e materialidade se encontram.

O olhar sobre a arquitetura como cultura se amplia no Perfil, dedicado ao arquiteto Riken Yamamoto, vencedor do Prêmio Pritzker de 2024, com destaque para algumas de suas principais obras e para a dimensão social e urbana de sua produção. A fotografia assume papel central na seção Photo, com a colaboração de Leonardo Finotti, que apresenta imagens da Nakagin Capsule Tower registradas durante uma de suas viagens ao Japão, reforçando o diálogo entre história, utopia e transformação urbana.

Na seção Périplos, Ana Doria Galvão contribui com um texto autoral no qual relata como foi alfabetizada em arquitetura ao se mudar para Tóquio em 2011, conectando experiência pessoal, sensibilidade espacial e aprendizado cotidiano. Essa narrativa é acompanhada, de forma permanente, pelos desenhos do artista plástico Flávio Freitas, cuja colaboração passa a integrar a identidade visual da revista, ampliando o diálogo entre palavra, traço e espaço. Seus desenhos não operam como ilustração acessória, mas como camada interpretativa, reforçando o caráter sensível e autoral da seção.

A reflexão sobre o tempo e o uso se materializa na seção Permanência, que apresenta o edifício Hermes 880, observado a partir de sua relação com a cidade e de sua capacidade de permanecer para além do momento de sua entrega.

A edição se encerra com o Puxadinho, espaço de fechamento gráfico e crítico que traz sempre uma charge arquitetônica assinada por Adão Iturrusgarai, colaborador permanente da Revista P*, reforçando o caráter autoral, provocativo e aberto do projeto editorial.

Assim, esta primeira edição da Revista P* se afirma como um percurso completo, no qual entrevista, ensaio, projeto, objeto, fotografia, desenho e memória não aparecem como fragmentos isolados, mas como partes de uma mesma narrativa. Um convite à leitura lenta e ao olhar atento sobre a arquitetura como processo, prática cultural e permanência no tempo.

PARTICIPANTES



Adão Iturrusgarai

Adão Iturrusgarai é cartunista, artista plástico e escritor. Vive entre puxadinhos conceituais, estruturas improvisadas e um inevitável ponto de fuga.



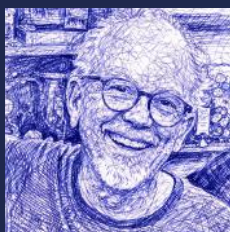
Ana Doria Galvão

Ana é paulistana e viveu por mais de 30 anos entre Brasília, Nova York, Londres, Washington, Tóquio, Genebra e Bruxelas. Atualmente mora em Pequim. É formada em administração de empresas e mestre em políticas públicas.



Fernando Serapião

Fernando Serapião (1971) é editor, crítico de arquitetura, consultor e curador, que recebeu o prêmio Jabuti em 2012. Cofundador, em 2010, da Editora Monolito, que publica livros e revistas, sendo premiada pela 10a Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo.



Flávio Freitas

Artista, desenhista, pintor. Com formação em música e arquitetura. 40 anos de arte brasileira nordestina potiguar.



Leonardo Finotti

Finotti é um dos principais fotógrafos de arquitetura da atualidade. Arquiteto de formação, com pós-graduação na Bauhaus Dessau, construiu uma trajetória reconhecida pela investigação da arquitetura moderna e contemporânea. Seu acervo integra importantes coleções internacionais, com destaque para o MoMA, em Nova York.

**A arquitetura
só se completa
quando deixa de
ser objeto e passa
a ser experiência
cotidiana da
cidade.**

Revista P*

Revista do escritório
FBA – Felipe Bezerra Arquitetos
@felipebezerraarquitetos
@felipebezerra

contato@felipebezerra.com
+55 11 97886 1282

Editor

Felipe Bezerra

Projeto gráfico

Hyfen Design

Arte

Hyfen Design

Textos

Ana Doria Galvão
Felipe Bezerra
Fernando Serapião
Leonardo Finotti

Fotografias

Leonardo Finotti

Renders

Sardina Estúdio

Publicidade

Vitor Rego

Conselho editorial

Ana Beatriz Furtado
Elisa Sampaio
Manuela Lamartine
Vitor Rego

Periodicidade

Trimestral

Edição nº 01

Tetrix
Janeiro/Fevereiro/Março de 2026

A Revista P* é uma publicação com tiragem de 250 exemplares + digital de caráter cultural, técnico e editorial, voltada à difusão de conteúdos relacionados à arquitetura, urbanismo, design, cidade e cultura contemporânea, produzida pelo escritório FBA – Felipe Bezerra Arquitetos. Esta publicação não possui finalidade comercial direta, sendo vedada sua comercialização, salvo mediante autorização expressa do editor.



FELIPE BEZERRA



VITOR RÊGO



ANDRE DANTAS



IZABELE FREITAS



ANA BEATRIZ FURTADO



MARIA CLARA AGUIAR



MARIA LUIZA BARROS



GABRIEL PINHEIRO



BEATRIZ BEZERRA



DIEGO BARRETO



DIOGO OLIVEIRA



ISABELLA SHELMAN



FELIPE SANTOS



MARIA GILIANE



PEDRO OLIVEIRA



DUDA MOURA



MARIA LUIZA RIBEIRO

Fundado por Felipe Bezerra, o FBA é um estúdio de arquitetura e design com projetos no Brasil, Portugal e Espanha. Com mais de 30 anos de trajetória, o FBA se dedica a projetar espaços que unem rigor técnico e liberdade criativa, sempre atentos ao impacto de cada obra na vida urbana. Hoje, o time reúne profissionais de diferentes repertórios e olhares, unidos pela vontade de criar uma arquitetura que desperte atenção, inspire e transforme o cotidiano das cidades.

PÁGINAS VERDES

Felipe Bezerra

Entrevista conduzida pelo
Conselho Editorial da Revista P*



1. Por que lançar uma revista do escritório agora? O que a Revista P* representa pra você?

A Revista P* nasce de um desejo que vinha amadurecendo há muitos anos: criar um espaço contínuo de reflexão sobre o trabalho da FBA. Sempre senti que os projetos carregam camadas que vão além do objeto construído, e que essas camadas merecem ser narradas. A revista é uma forma de organizar e compartilhar pensamento, processo e memória. É também um gesto de autonomia editorial, de criar o nosso próprio arquivo, no nosso ritmo, com a nossa voz.

2. Como você enxerga o momento atual do FBA?

Vivemos um momento de expansão e consolidação. O escritório atravessa uma fase em que a diversidade de escalas é decisiva: estamos trabalhando desde mobiliário até grandes complexos multiuso. Essa amplitude exige rigor, método e uma visão muito clara do que queremos produzir. Ao mesmo tempo, sinto que o FBA está mais maduro conceitualmente, mais atenta à qualidade dos detalhes e mais segura de sua identidade formal. A revista vem justamente para registrar essa maturidade.

3. O projeto destaque desta edição é o Tetrrix. O que esse edifício significa dentro da trajetória do escritório?

O Tetrrix representa a síntese de muitas discussões internas. Ele trabalha com modularidade, adição e subtração de volumes, permeabilidade, luz e precisão estrutural. É um edifício que conversa com referências que sempre me acompanharam, especialmente o Metabolismo japonês. Para nós, ele marca uma virada: é ao mesmo tempo uma peça corporativa e uma exploração formal. O Tetrrix estabelece um diálogo direto entre técnica e poesia, que é um caminho que o FBA deseja aprofundar.

4. Sua trajetória sempre alternou arquitetura e design. Como essas duas áreas se alimentam mutuamente no seu processo criativo?

Nunca vi arquitetura e design como campos separados. Para mim, ambos são exercícios de escala, proporção e materialidade. No design, a lógica do detalhe e da ergonomia me ajudou a entender a dimensão humana da arquitetura. Já na arquitetura, a visão urbana e estrutural me permite construir objetos com consciência espacial. Minha prática sempre transitou entre esses mundos, e acho que o FBA se fortalece justamente nesse hibridismo.

5. A Revista P* inaugura uma nova fase de documentação do acervo do escritório. Qual é o papel da memória na sua prática?

A memória é essencial. Os croquis, protótipos, estudos, viagens e referências são parte do que nos forma como arquitetos. Ao revisitar arquivos antigos, percebo que muitas ideias permanecem vivas, outras se transformam, e algumas renascem em novos contextos. A Revista P* vai nos permitir organizar essa memória, tratá-la com cuidado e colocá-la em diálogo com o momento atual.

6. Você é conhecido pelo interesse profundo pela cultura japonesa. Como isso influencia seu olhar profissional?

A cultura japonesa me ensinou a interpretar a relação entre forma e silêncio, entre material e atmosfera. Desde que visitei o Japão, percebi que havia ali uma maneira muito particular de construir espaço, de respeitar o detalhe e de valorizar a impermanência. Esse olhar reverbera no meu trabalho, tanto nos objetos quanto nos edifícios. Há sempre uma busca por precisão, economia de elementos e atenção às transições – qualidades que admiro na arquitetura japonesa.

7. O que você espera que os leitores encontrem nas próximas edições?

Espero que encontrem consistência, honestidade e curiosidade. A Revista P* não é um release institucional, mas um espaço de pensamento. A cada edição, queremos aprofundar temas, revelar bastidores, mostrar projetos em andamento, dialogar com pessoas que admiramos e registrar o percurso do escritório. Quero que seja uma publicação que acompanhe a evolução do FBA, mas também inspire outros profissionais e estudantes.

8. Qual é o maior desafio — e o maior prazer — em dirigir um escritório de arquitetura hoje?

O maior desafio é equilibrar intensidade criativa com responsabilidade técnica e econômica. O maior prazer é ver uma ideia ganhar corpo. Nada substitui o momento em que um desenho começa a se tornar espaço real, seja um edifício, um mobiliário ou uma exposição. Essa transição do papel para o mundo continua sendo o motor da prática.

9. Olhando para frente, quais são os planos do FBA para 2026?

Abrimos o ano com a criação da Revista P*, que marca um novo momento de reflexão e documentação do escritório. Para 2026, esperamos avançar na abertura do nosso escritório em São Paulo, consolidando uma presença nacional que já vem sendo construída a partir da atuação do FBA em diferentes capitais. A base em São Paulo, em conjunto com a Mula Preta, tem um papel central nesse processo, especialmente pela relevância do mercado paulistano e pela possibilidade de ampliar diálogos, parcerias e frentes de atuação.

No estúdio Mula Preta, lançamos na DW!, em março, a coleção Futuro Retrô, e preparamos novos projetos para o segundo semestre, ampliando o diálogo entre peças autorais, objetos icônicos e soluções mais funcionais e acessíveis.

PRANCHETA

Tetrix

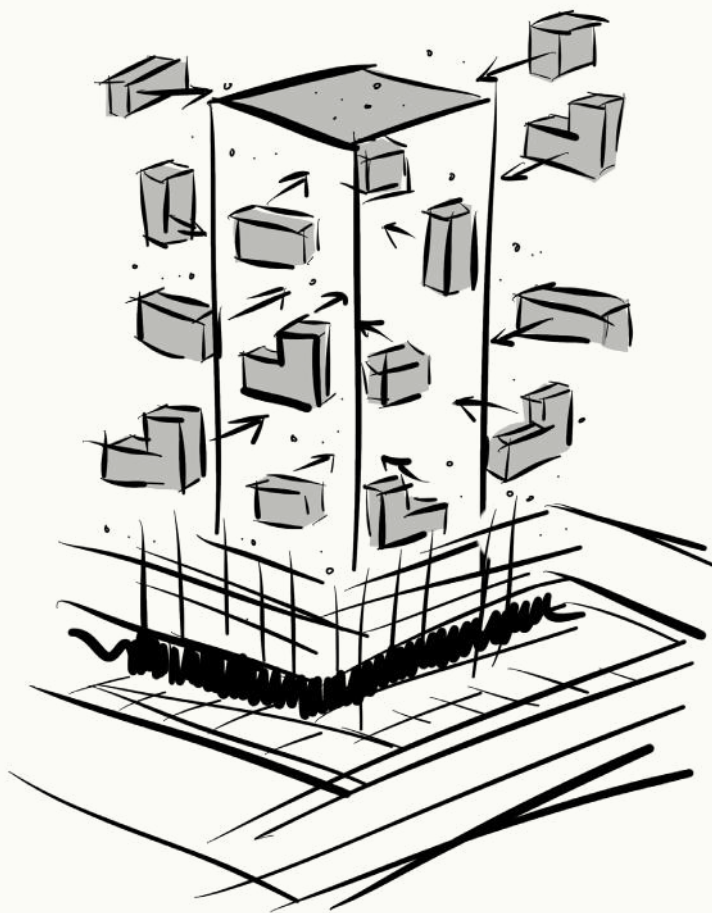
Edifício corporativo em complexo multiuso

Área 35.637,48 m²

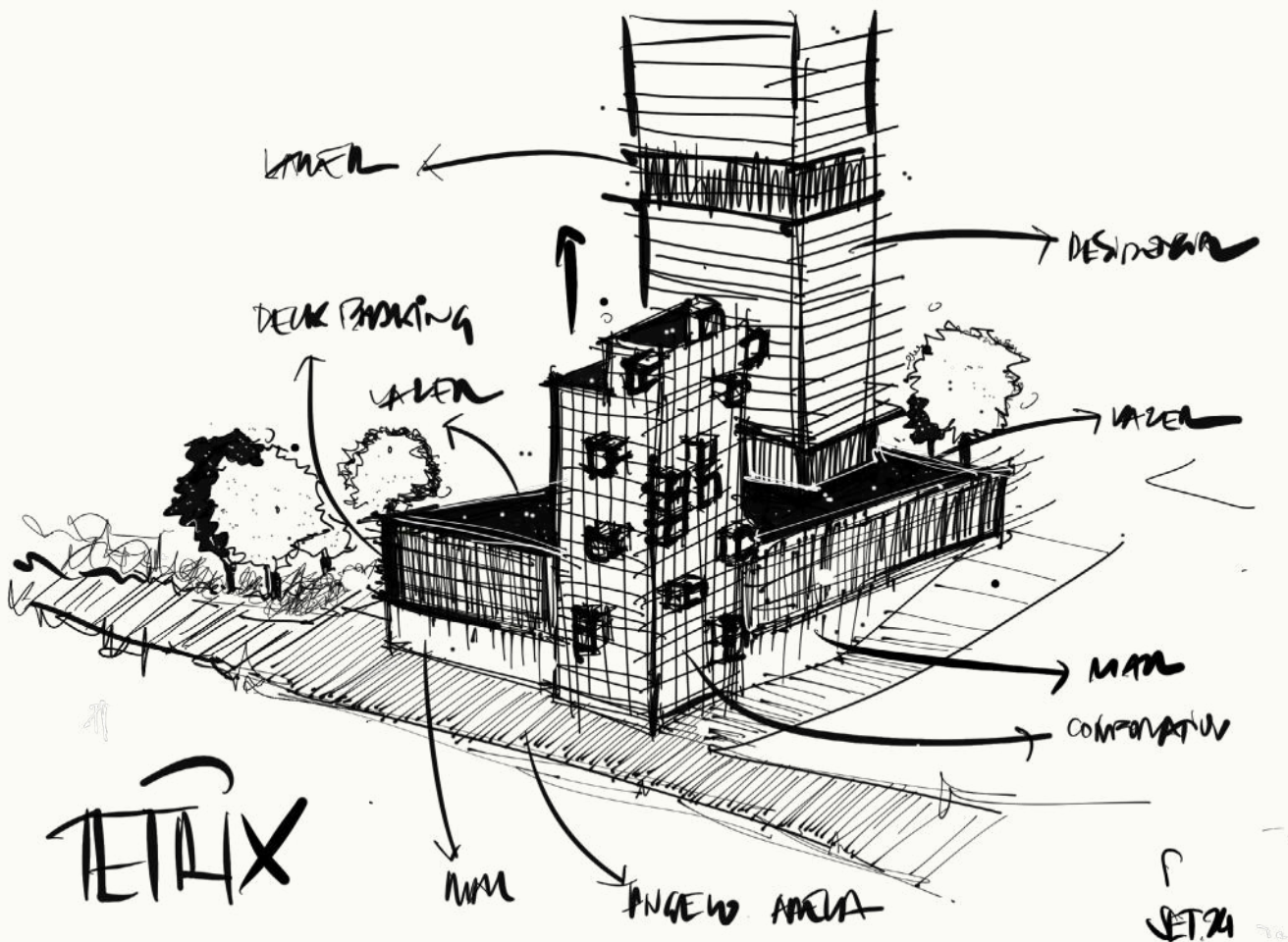
NATAL/RN

Tetrix é um complexo multiuso implantado em um lote urbano singular de aproximadamente 3.000 m², conformado por quatro vias que definem uma quadra completa no bairro de Tirol. O projeto reúne unidades habitacionais, escritórios e comércio em uma composição que busca intensificar as relações entre edifício e cidade, articulando usos distintos em um mesmo sistema arquitetônico.

O empreendimento é organizado a partir de duas torres apoiadas sobre um embasamento comum. Esse embasamento atua como ele-





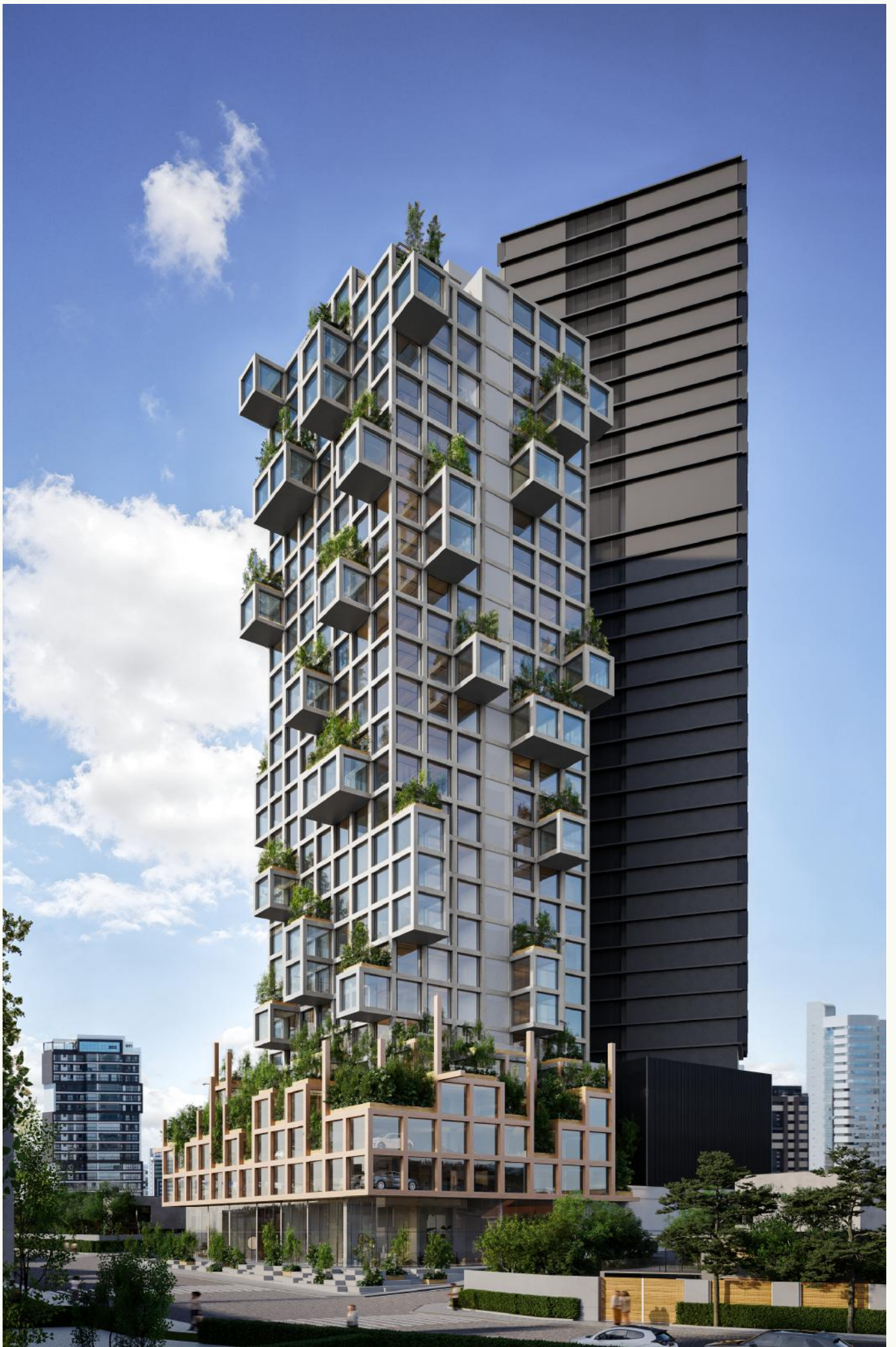


mento de costura urbana, abrigando áreas de convivência e espaços comerciais diretamente conectados ao nível do passeio, promovendo a integração entre moradores, usuários e o cotidiano do bairro. A torre comercial, voltada para a Rua Ângelo Varela ao norte, estabelece visadas estratégicas para o Parque das Dunas a leste e para o tecido urbano de Tirol ao sul e a oeste. Essa condição faz com que a lâmina de planta quadrada se abra para as quatro fachadas, explorando orientação, vistas e ventilação cruzada.

A concepção estrutural do Tetrrix parte de um rigoroso sistema modular de 3,24 x 3,24 x 3,24 metros, que organiza tanto a malha estrutural quanto a espacialidade do edifício. A estrutura se revela de forma explícita na fachada, com pilares aparentes e um núcleo central concentrando escadas e elevadores, reforçando a lógica racional e construtiva do conjunto. Os módulos são dotados de amplas aberturas envidraçadas, associadas a venezianas basculantes que favorecem a iluminação natural e a ventilação permanente dos ambientes.

Esses módulos, entendidos como caixas espaciais, projetam-se a partir do volume principal de múltiplas formas. Surgem isolados ou agrupados em faixas horizontais e verticais, além de composições em L ou T, criando uma fachada dinâmica e profundamente tridimensional. Essa estratégia gera saliências que ampliam os ambientes internos, produzem sombreamento e configuram terraços jardim sobre os volumes projetados, contribuindo para o conforto ambiental e para a vitalidade formal do edifício.

A ideia de um edifício em constante transformação e movimento encontra referência direta no pensamento metabolista japonês, em especial na Nakagin Capsule Tower, de Kisho Kurokawa, objeto de reflexão nesta edição. No Tetrrix, essa influência se traduz na flexibilidade tipológica e na multiplicidade de combinações possíveis. Cada pavimento pode abrigar de uma a seis unidades, com variações significativas de área e configuração. As tipologias resultantes oferecem uma ampla gama de tamanhos, que variam aproximadamente de 45 a 400 m², com possibilidade de junção entre unidades, ampliando



ainda mais o repertório de usos e layouts.

A torre residencial, implantada na face nascente e voltada para a Rua Teotónio de Carvalho, possui aproximadamente 140 metros de altura e abriga unidades habitacionais de 180 m². Além das áreas privativas, concentra um conjunto de facilidades voltadas ao lazer e ao apoio ao morar, reforçando a ideia de habitação vertical associada à vida coletiva e à permanência qualificada. Conectada às áreas comerciais por meio do embasamento comum, a torre conta ainda com estacionamento em nível subsolo, garantindo autonomia funcional sem romper a continuidade urbana do conjunto.

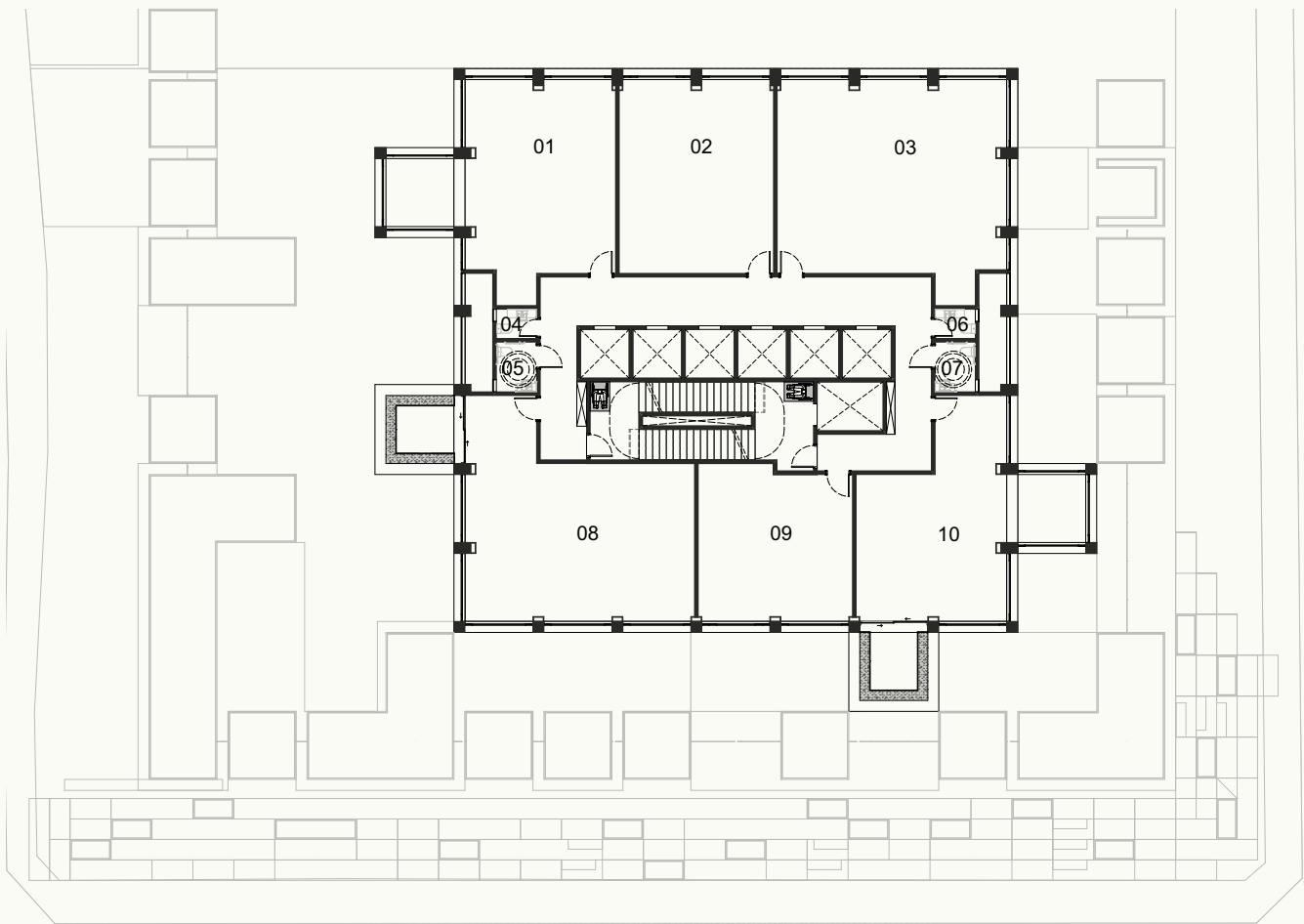
Do ponto de vista material e compositivo, a torre residencial assume acabamento em tom negro, estabelecendo um contraste direto com o concreto aparente da torre comercial. Essa diferença não se configura como oposição, mas como estratégia de coexistência e diversidade formal, contribuindo para uma morfologia edílicia mais rica e estratificada na paisagem urbana de Tirol.

No embasamento, além do mall voltado para a rua, concentram-se áreas de convivência e os acessos de pedestres e veículos no nível do passeio. Sobre esse plano urbano, o projeto incorpora pavimentos de estacionamento, espaços coletivos, salas de reunião e um auditório destinado aos usuários do edifício, reforçando o caráter híbrido e compartilhado do conjunto.

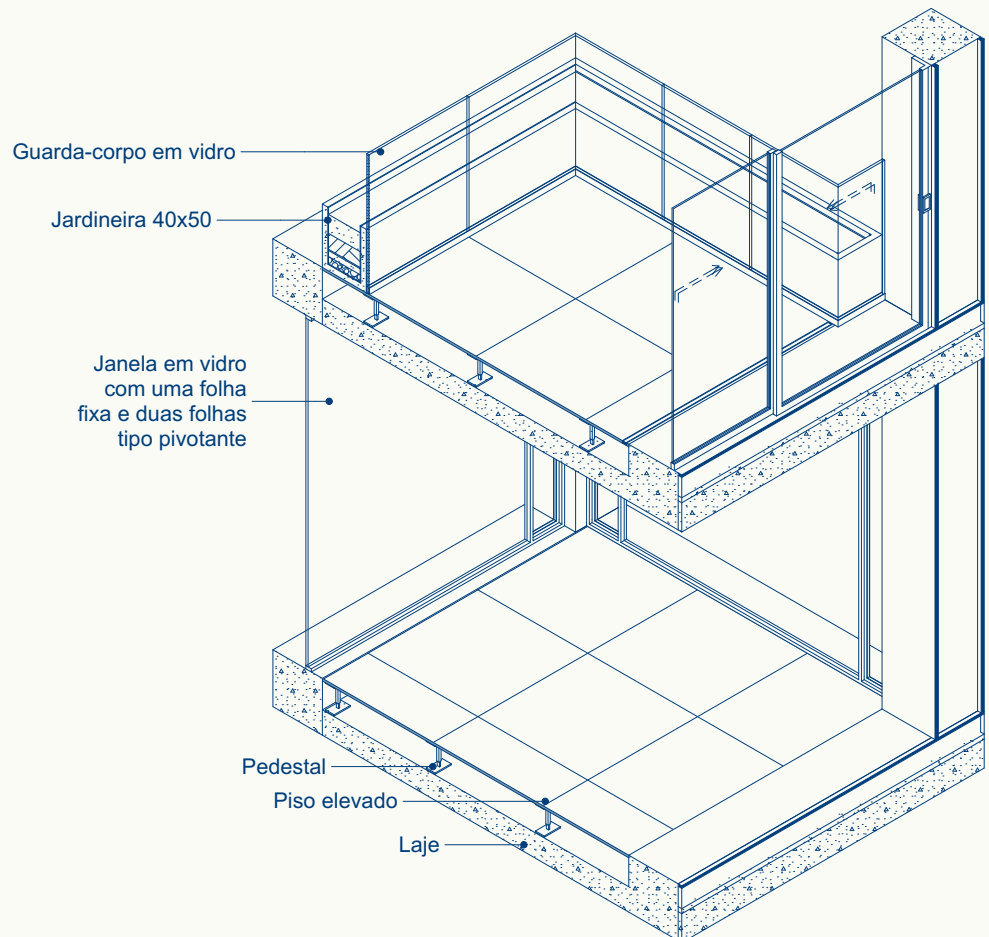
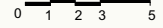
A grelha modular de 3,24 metros funciona como espinha dorsal do Tetrax. Associada aos volumes em balanço e às áreas verdes integradas à fachada, essa estrutura confere identidade, dinamismo e vitalidade ao empreendimento, afirmando uma arquitetura que articula racionalidade construtiva, flexibilidade programática e diálogo ativo com a cidade.

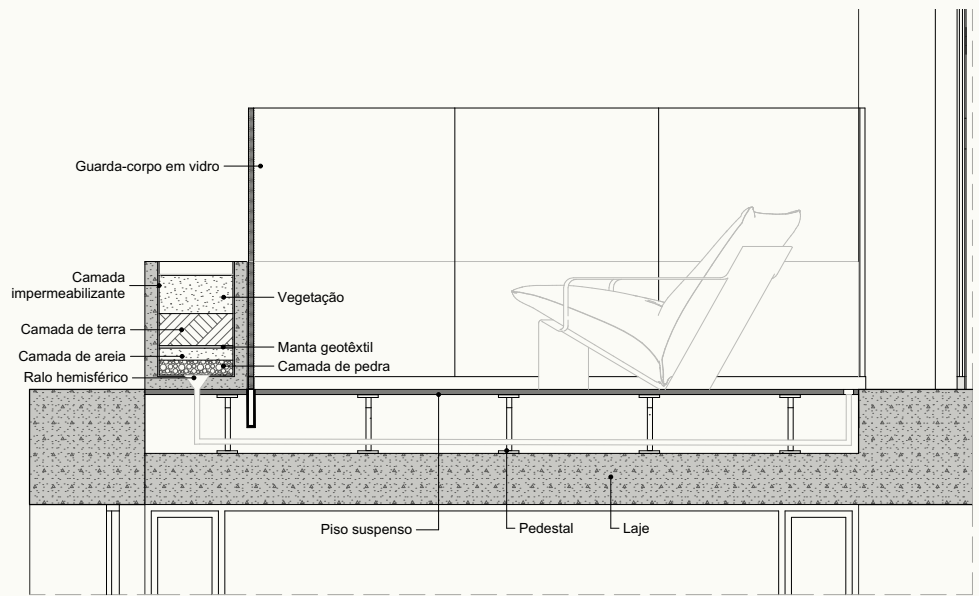






- | | | | | |
|-------------------------|-------------------------|-----------|-------------------------|-------------------------|
| 01. Sala comercial 2101 | 03. Sala comercial 2103 | 05. WC 02 | 07. WC 04 | 09. Sala comercial 2105 |
| 02. Sala comercial 2102 | 04. WC 01 | 06. WC 03 | 08. Sala comercial 2104 | 10. Sala comercial 2106 |





DET. JARDINEIRA



METABOLISMO POTIGUAR

O movimento metabolista japonês surgiu no início dos anos 1960 como resposta à reconstrução do pós-guerra e à rápida urbanização de Tóquio. Naquele contexto, um grupo de jovens arquitetos como Kisho Kurokawa, Fumihiko Maki e Kiyonori Kikutake propôs uma cidade entendida como organismo vivo, composta por megaestruturas permanentes e unidades menores capazes de nascer, crescer, substituir-se e desaparecer ao longo do tempo. Essa visão foi sintetizada no manifesto “Metabolism: Proposals for New Urbanism”, lançado no Tokyo World Design Conference de 1960, onde aparecem ideias de cidades-plataforma, estruturas lineares sobre o mar e edifícios formados por cápsulas plugáveis.

A Nakagin Capsule Tower, concluída em 1972 em Ginza, Tóquio, é talvez o artefato mais emblemático desse imaginário. Projetada por Kisho Kurokawa, a torre de treze pavimentos combina dois núcleos verticais de concreto a 140 cápsulas metálicas independentes, pré-fabricadas em fábrica e fixadas à estrutura por quatro parafusos de alta resistência. Cada cápsula, concebida para abrigar um executivo em estada curta, tinha cerca de 10 m², janela circular única, mobiliário embutido, banheiro compacto e instalações integradas, configurando uma célula mínima de habitar urbano. A premissa era que essas unidades fossem substituídas periodicamente, a cada 25 anos, de modo que o edifício pudesse “metabolizar-se”, mantendo o esqueleto estrutural e renovando ciclicamente as partes.

Na prática, esse ciclo de renovação nunca ocorreu. As cápsulas jamais foram trocadas, o edifício entrou em deterioração e acabou demolido em 2022, embora vários módulos tenham sido preservados por museus e coleções, como no recente acervo do MoMA em Nova York. Paradoxalmente, a experiência inacabada da Nakagin tornou ainda mais forte a sua dimensão de manifesto: ela passou a operar menos como modelo técnico replicável e mais como matriz conceitual sobre modularidade, densidade e tempo na arquitetura.

É nesse horizonte que o edifício Tetrax, em Natal, dialoga com a herança metabolista e, em particular, com a Nakagin. Embora inserido em um contexto potiguar de clima quente, luminosidade intensa e frente marítima, o Tetrax adota a lógica de agregação de unidades em torno de um núcleo estrutural racional, trabalhando uma grelha modular que organiza tanto a estrutura quanto a fachada. Em vez de cápsulas destacadas, o que se vê é a extrusão de volumes cúbicos sobre uma malha regular, como se o jogo de peças empilhadas do Tetris ganhasse escala arquitetônica e urbana. Esse jogo volumétrico não é apenas formal, mas traduz a ideia metabolista de que o edifício é um conjunto de elementos repetíveis e combináveis, mais próximo de um sistema do que de um objeto único.

Outra aproximação decisiva está na condição mista de programa. Assim como a Nakagin reunia unidades residenciais compactas e pequenos escritórios em um mesmo corpo, o Tetrax assume a mistura de usos como premissa: áreas corporativas, residenciais e de convivência aparecem integradas em uma torre única, entendida como fragmento de cidade vertical. Essa verticalização de usos, cara ao Metabolismo, procura condensar em um só organismo urbano parte das dinâmicas da metrópole contemporânea, em que habitar, trabalhar e circular acontecem em camadas sobrepostas.

Há também um parentesco conceitual na forma como as fachadas de ambos os edifícios são construídas como campos de repetição. Na Nakagin, a imagem é de um enxame de cápsulas brancas com olhos circulares voltados para a cidade, acopladas de modo quase aleatório ao núcleo. No Tetrax, os módulos são mais abstratos, com aberturas regradadas, planos brancos e cheios e vazios que se alternam. Contudo, em ambos os casos, a fachada deixa de ser mero “revestimento” e passa a operar como expres-

são direta da montagem modular, revelando o modo como o edifício se organiza e, teoricamente, poderia se transformar ao longo do tempo.

Se existe uma distância entre a utopia metabolistica e a realidade construtiva contemporânea, ela se manifesta no tema da substituibilidade. O Tetrax não pretende que cada unidade seja destacável, transportável ou trocável em ciclos de 25 anos, como idealizava Kurokawa. Seu metabolismo se dá mais na esfera do uso e da apropriação que na desmontagem física. O desenho da planta, a repetição do módulo, a possibilidade de diferentes compartimentações internas e a flexibilidade do pavimento tipo constituem um metabolismo “programático”, no qual o edifício é preparado para mutações de uso, densidade e configuração sem perder a clareza estrutural.

Ao trazer o léxico metabologista para o litoral de Natal, o projeto do Tetrax opera um deslocamento cultural interessante. Aquelas imagens de megaestruturas japonesas, associadas à densidade extrema de Tóquio e à retórica high-tech dos anos 1960 e 1970, são reinterpretadas em um tecido urbano nordestino, com outra escala de cidade, outro regime climático e outras expectativas de habitar. Surge daí a ideia de um metabolismo potiguar: uma arquitetura que absorve a gramática das cápsulas, dos módulos e dos sistemas abertos, mas a reescreve com luz tropical, ventilação cruzada, varandas, brises e relações mais porosas com o espaço externo.

As relações entre a Nakagin Capsule Tower e o Tetrax não estão na reprodução literal de soluções, mas na afinidade de princípios. Em ambos, a cidade é entendida como processo e o edifício como peça de um organismo maior, articulado por módulos que poderiam ser recombinados. No caso japonês, o experimento extremado acabou sucumbindo a questões econômicas, técnicas e normativas; no caso potiguar, a lição que permanece é a de que a modularidade pode ser menos um fetiche industrial e mais um instrumento de racionalidade, flexibilidade e densidade qualificada. Se o Metabolismo imaginava cidades capazes de crescer e se renovar como um ser vivo, o Tetrax ensaia, à sua escala, uma versão contemporânea e nordestina dessa ambição.

PROCESSO

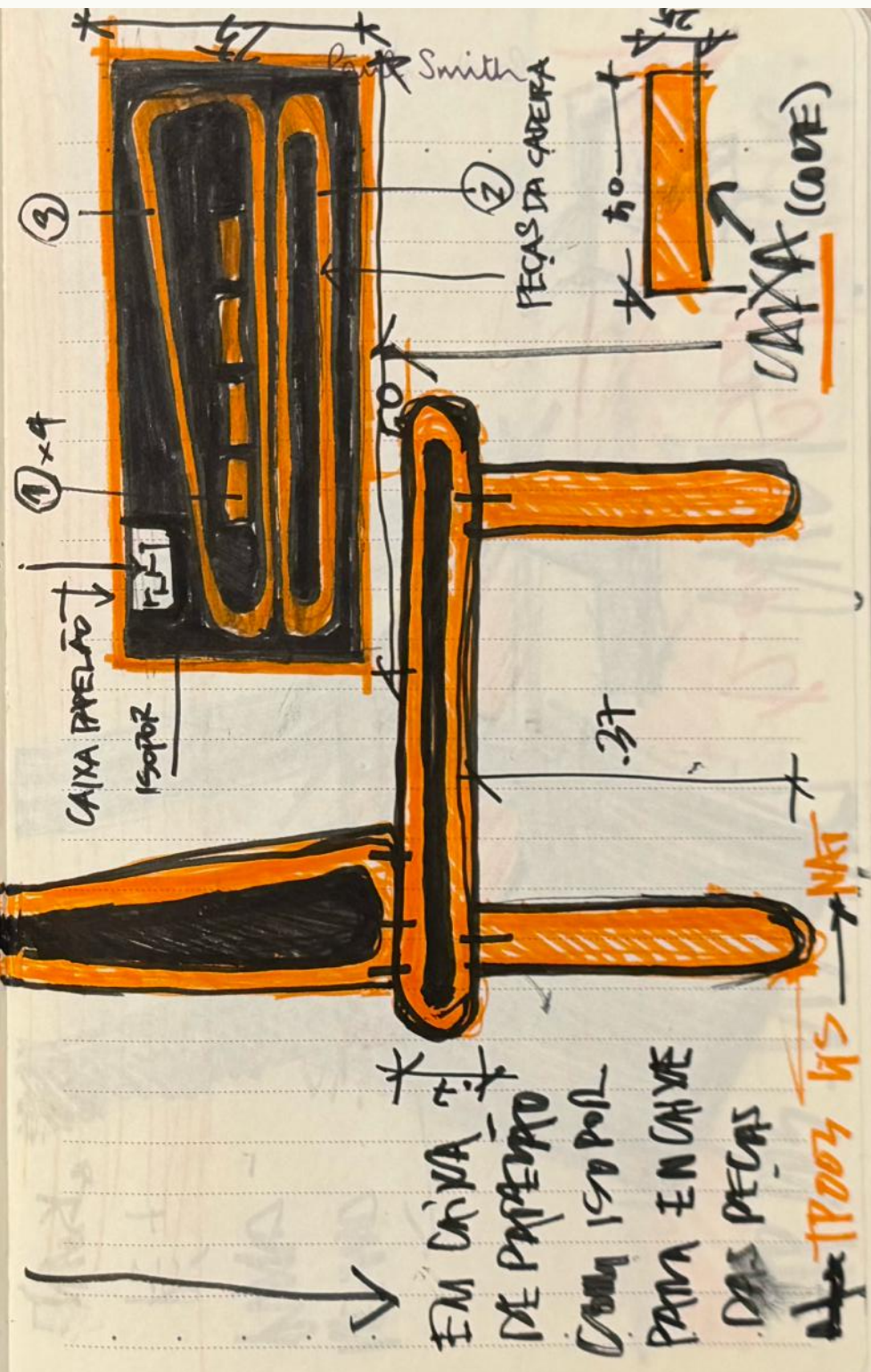
Memória, arquivo e acervo do escritório.

A seção Processo apresenta, a cada edição, um desenho resgatado do acervo do escritório. São fragmentos de ideias, experimentos formais, estudos de materiais e objetos que revelam processos internos da FBA. Nesta edição inaugural, escolhemos a cadeira loco, desenhada em 2019, durante uma viagem à Rússia. O croqui registra um momento de síntese entre inspiração japonesa, consciência material e investigação estrutural.

A loco é uma cadeira pensada para ser auto-montável, composta por apenas seis peças: quatro pés, um assento e um encosto. O estudo prioriza eficiência construtiva, precisão de encaixe e simplicidade formal. Seu desenho nasce da observação do mobiliário tradicional japonês, da leveza dos volumes e da inteligência do detalhe. Ao invés de madeira ou metal, a proposta explora o papelão como material estrutural, trabalhando com chapas recicláveis, cortes limpos e uma lógica de montagem que transforma um material cotidiano em objeto de design.

CADEIRA IOCO (2019)





A escolha desta peça para inaugurar a seção reflete o espírito da Revista P*: revisitar arquivos que contam histórias do escritório, dialogar com referências orientais que sempre interessaram à FBA e revelar como pequenas experiências de viagem ou de observação se transformam em ideias arquitetônicas e objetos de pesquisa. A loco pertence ao campo das primeiras intenções, onde o gesto desenhado à mão ainda é pensamento puro.

Este croqui, marcado por anotações rápidas, medidas, testes de encaixe e sobreposições de cor, é um lembrete de que o design nasce da curiosidade e da capacidade de enxergar no simples uma oportunidade de invenção.

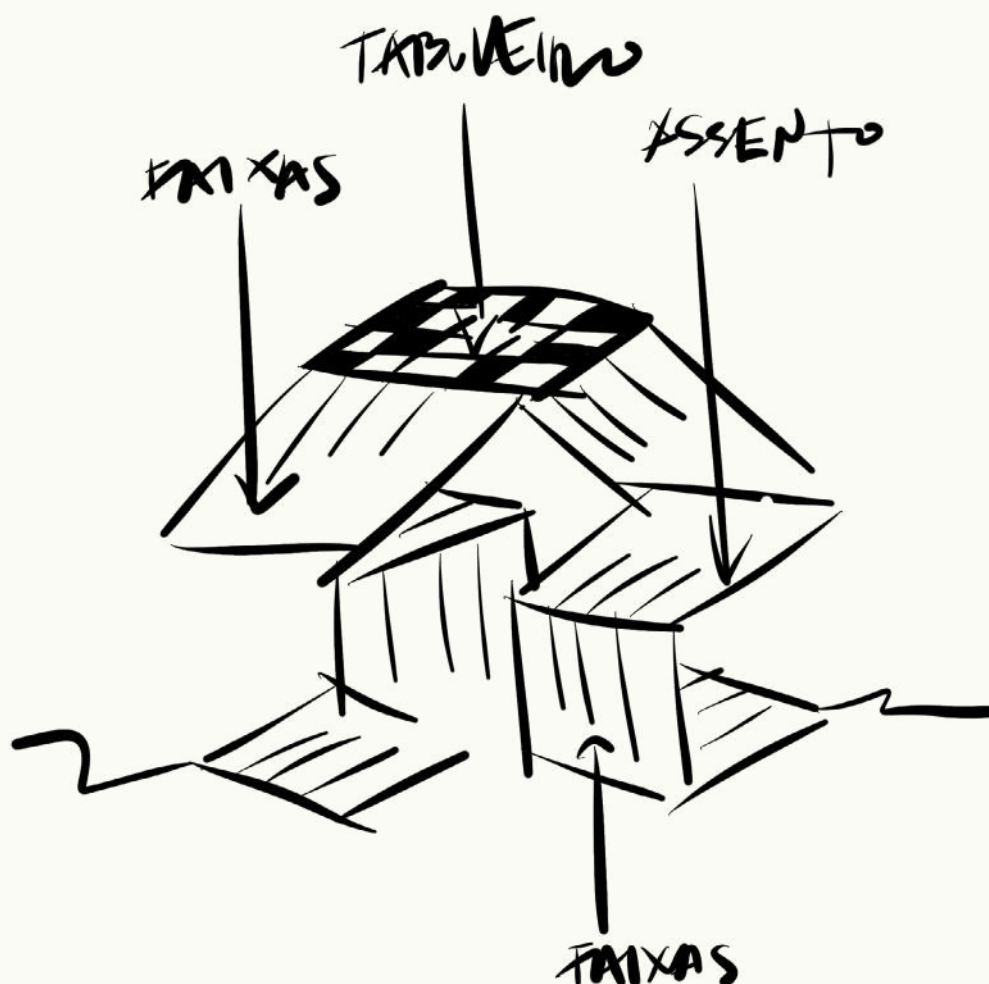




Objetos, design e experimentação material.

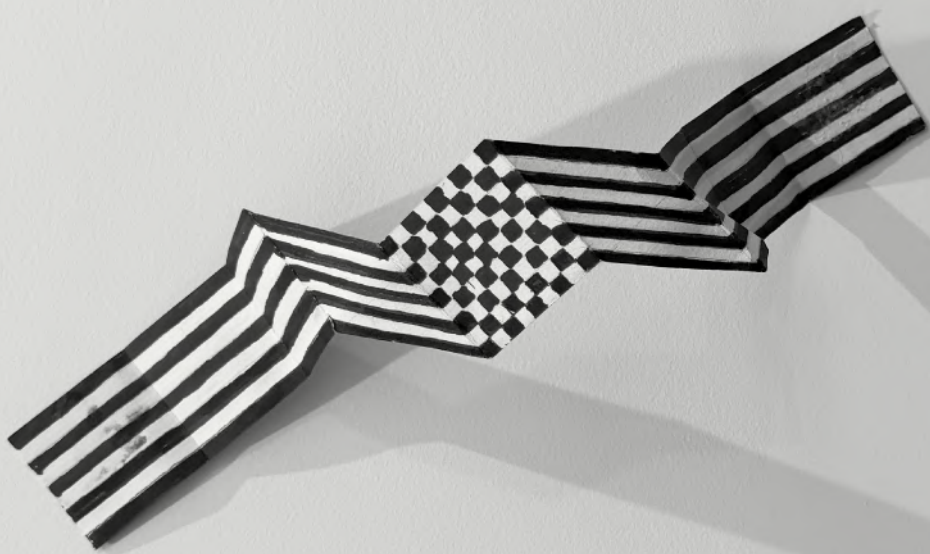
O interesse por mesas de jogos acompanha o estúdio Mula Preta desde quase o seu início. Em 2014, a mesa de totó Pulse inaugurou uma série de experimentações em torno do jogo como objeto de encontro, uso coletivo e desenho. Em seguida vieram a Ping x Pong e outros desdobramentos, consolidando um campo de investigação contínuo no qual design, convivência e gesto construtivo caminham juntos.

A mesa de xadrez Cambito nasce de uma provocação e de um contexto cultural específico. No momento em que a série O Gambito da Rainha ganhava grande repercussão, surgiu o desafio de desenhar um tabuleiro que extrapolasse sua condição tradicional e se transformasse em objeto arquitetônico. A partir desse estímulo, o projeto passou a ser tratado menos como mobiliário convencional e mais como exercício de síntese formal.





Cada objeto no estúdio nasce a partir de um processo distinto. No caso da Cambito, a ideia inicial surge a partir de dobraduras, quase como um origami, no qual o tabuleiro se dobra, se recorta e se desdobra em mesa e assentos, configurando uma única peça contínua, branca e essencial. O projeto começa de forma literal, com tesoura e papel acartonado, em um processo de desconstrução que conduz à construção de um objeto autoportante, limpo e direto.

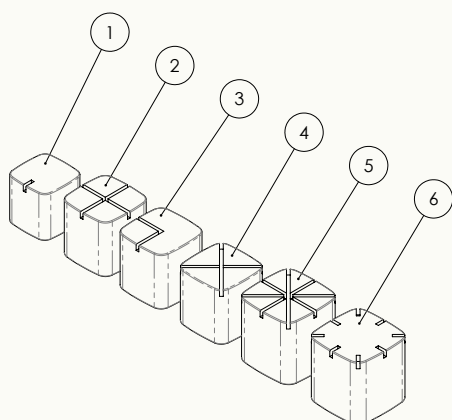
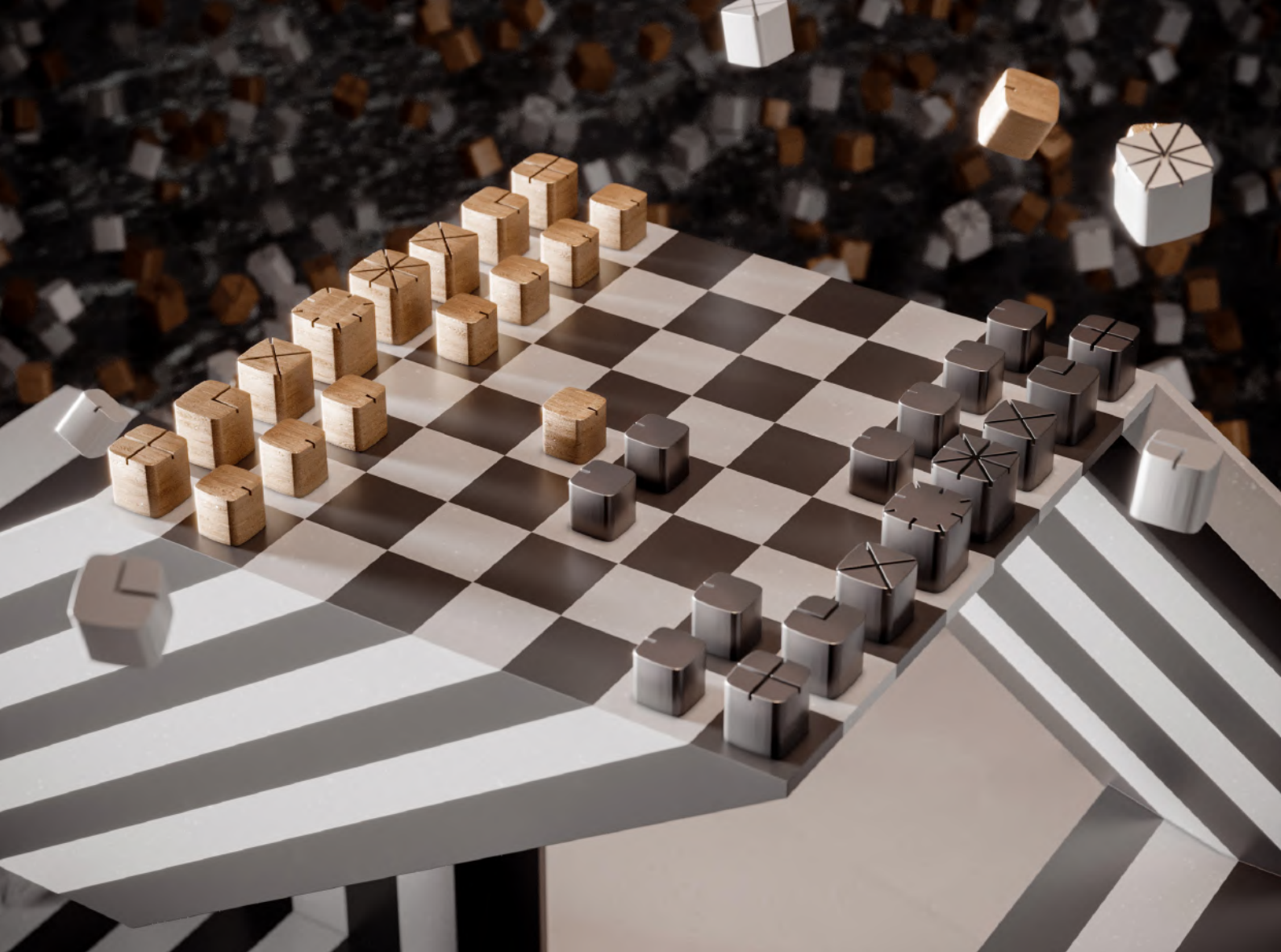


É a partir do tabuleiro que a peça ganha sua identidade mais forte. As 64 casas em preto e branco deixam de estar contidas apenas na superfície superior e passam a se desconstruir em fitas alternadas que percorrem todas as faces do objeto. Essas faixas pretas e brancas escorrem pelas laterais, dobram-se nas quinas, descem pelos planos inclinados e estruturam visualmente pés, assentos e apoios. O tabuleiro se expande no espaço e passa a organizar toda a geometria da mesa, transformando o jogo em linguagem gráfica contínua.

Esse movimento faz com que a Cambito ultrapasse o campo do design funcional e se aproxime da escultura, ainda que essa não tenha sido uma intenção inicial. O objeto passa a ser lido como um corpo único, onde superfície, estrutura e grafismo são inseparáveis, e onde o xadrez deixa de ser apenas jogo para se tornar desenho e ritmo espacial.

Pensada inicialmente para execução em metal, a mesa encontrou na fibra de vidro uma solução mais coerente com sua lógica formal. O material permitiu leveza, espessuras mais finas e a sensação de uma superfície quase como uma folha dobrada, além de maior viabilidade produtiva. A escolha reforça uma premissa fundamental do estúdio: o design precisa ser acessível.

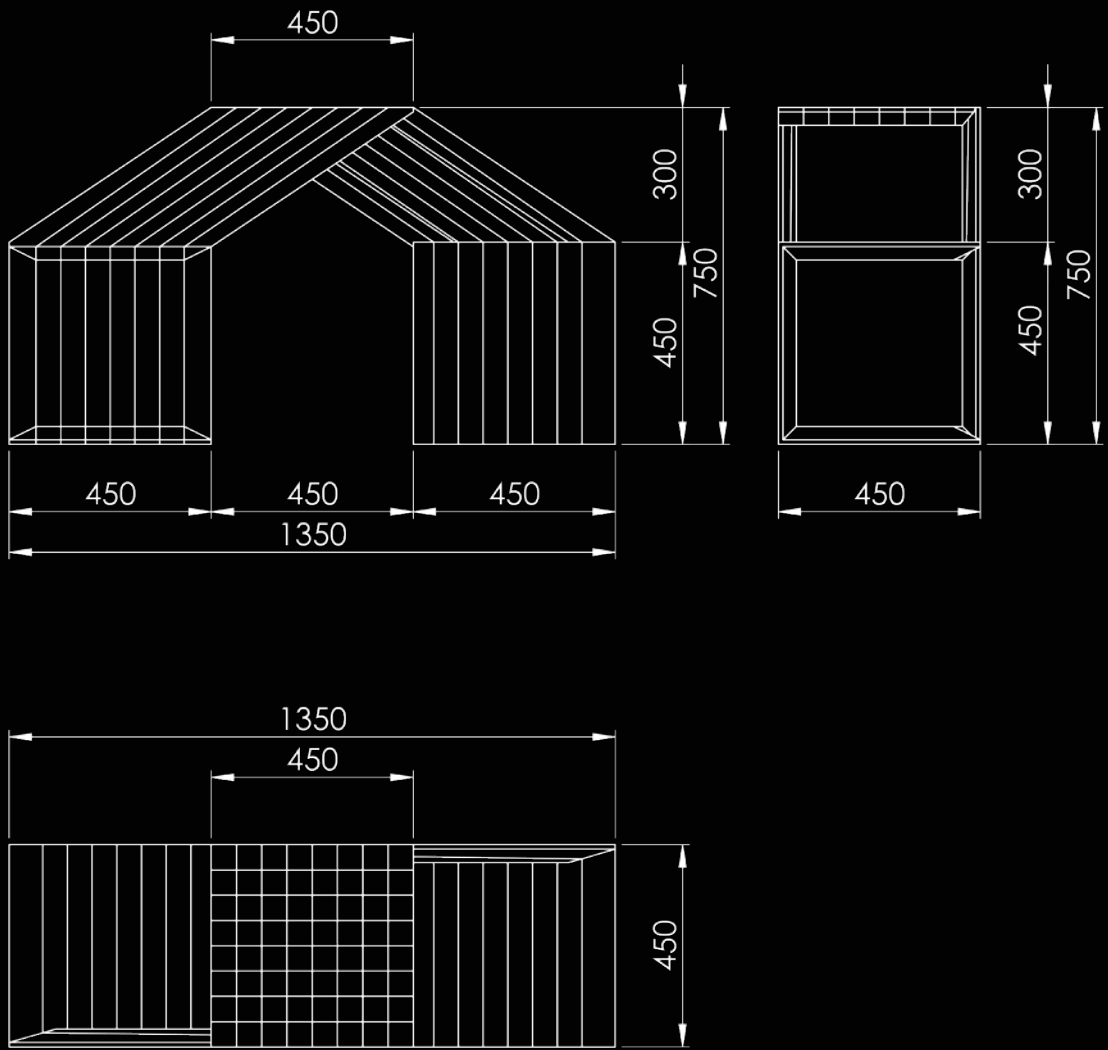




O conjunto se completa com o desenho das peças de xadrez, executadas em madeira ou mármore. Blocos de volumes hierarquizados recebem, em sua superfície, movimentos gráficos que indicam suas funções e deslocamentos no jogo, tornando-se quase autoexplicativos. As peças dialogam com a mesa sem competir com ela, encerrando o sistema do xadrez como um todo coerente.

O nome Cambito surge de forma bem-humorada, em referência às pernas finas da mesa e à expressão popular nordestina. Entre dobradura, grafismo, estrutura e ironia discreta, a mesa de xadrez Cambito inaugura a seção Produto como um objeto que articula jogo, forma e cultura em uma única peça.

1 - Peão 2 - Torre 3 - Cavalo 4 - Bispo 5 - Rainha 6 - Rei

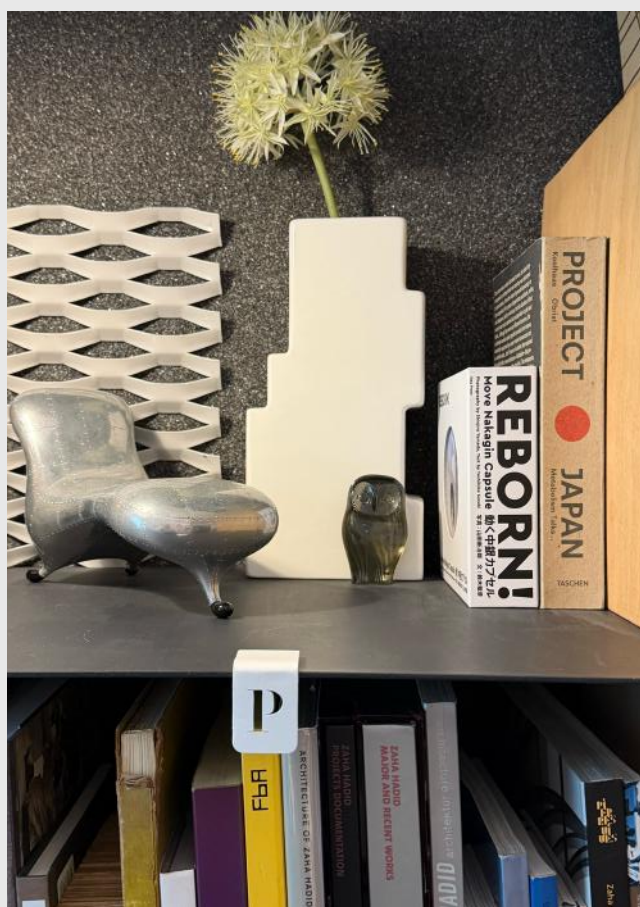


PRATELEIRA

Livros, leituras e referências editoriais.

INTRODUÇÃO

Os livros escolhidos para inaugurar esta seção dialogam diretamente com o tema central desta edição: o Edifício Tetrix e sua relação com o movimento Metabolista. Ambas as obras apresentam reflexões profundas sobre modularidade, cidades em transformação e a possibilidade de a arquitetura assumir forma dinâmica, aberta a processos de crescimento e recomposição. Assim como o Tetrix parte de um módulo generativo de 3,24 metros para criar expansões, balanços e adições volumétricas, os títulos selecionados revelam arquiteturas que investigam sistemas estruturais como organismos vivos, capazes de se adaptar, mudar e reaparecer em novos contextos. São livros que explicam o passado para iluminar o presente e, sobretudo, expandem nossa compreensão da arquitetura como processo contínuo.





Project Japan – Metabolism Talks

Rem Koolhaas e Hans Ulrich Obrist
TASCHEN

Metabolism Talks é um livro de grande extensão editado por Rem Koolhaas e Hans Ulrich Obrist, publicado pela Taschen, que documenta a história do movimento arquitetônico Metabolismo no Japão no pós-guerra. O livro é organizado como uma história oral, baseada em entrevistas realizadas entre 2005 e 2011 com os membros sobreviventes do movimento e seus colaboradores, como Arata Isozaki, Kiyonori Kikutake, Fumihiko Maki e Kisho Kurokawa, entre outros. A obra combina essas entrevistas com fotografias raras, planos mestres, modelos arquitetônicos, excertos de revistas e visões urbanas futurísticas, construindo um panorama amplo e detalhado da influência e do contexto histórico do Metabolismo, desde seus antecedentes no Japão pós-guerra até sua projeção internacional na década de 1970. O livro também narra como esse movimento representou uma das primeiras vanguardas arquitetônicas não-ocidentais e um momento em que a arquitetura desempenhava um papel público central no planejamento urbano e social.

R\$ 320,00 + frete na amazon.com.br



Reborn! Move Nakagin Capsule Tower

Shingiro Yamada e Toshihiko Suzuki
OPA PRESS

Reborn! Move Nakagin Capsule Tower, de Toshihiko Suzuki, com fotografias de Shinjiro Yamada, é um livro que opera simultaneamente como documento histórico, ensaio arquitetônico e registro técnico de uma operação rara na história da arquitetura moderna. A obra acompanha os últimos dias da Nakagin Capsule Tower, ícone do Metabolismo japonês concebido por Kisho Kurokawa, e se concentra na retirada, restauração e reinscrição em movimento de algumas de suas cápsulas após a demolição do edifício em 2022.

Suzuki estrutura o livro a partir de uma leitura retrospectiva da “Capsule Declaration” de 1969 e da figura do Homo movens, conectando a utopia metabolista à realidade contemporânea do trabalho remoto e da mobilidade ampliada. Essa costura conceitual evita a nostalgia fácil: a demolição não aparece como derrota, mas como momento de inflexão que permite testar, tardiamente, a hipótese da cápsula móvel. O texto é direto, preciso e, em muitos trechos, deliberadamente técnico, descrevendo limites de peso, adaptações estruturais, normas viárias e decisões construtivas que condicionaram a transformação de uma cápsula fixa em um trailer.

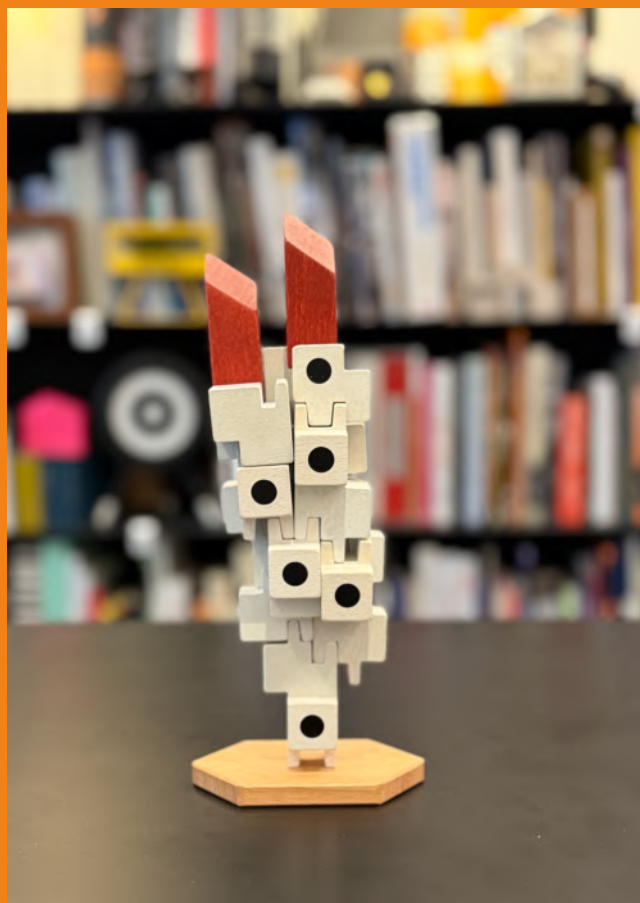
US\$ 57,00 + frete na amazon.co.jp

PARAFERNÁLIA

Objetos, coleções
e afetos materiais.

Arquitetos, em geral, são colecionadores por natureza, e com Felipe Bezerra não é diferente. De robôs metálicos vintage a miniaturas de cadeiras, de máscaras africanas a memorabilia arquitetônica, a coleção se forma por camadas que atravessam referências culturais, afetivas e profissionais, revelando um modo particular de olhar e de acumular sentido ao longo do tempo.

A seção Parafernália nasce para apresentar esse acervo pessoal, escolhido menos pelo valor isolado dos objetos e mais pelas histórias, pelo uso e pelas relações que estabelecem com o universo criativo do arquiteto. Trata-se de um recorte íntimo, quase doméstico, que permite ao leitor acessar esse repertório silencioso que acompanha, inspira e atravessa o processo de projeto.





O objeto traduz, em escala doméstica e linguagem acessível, a lógica conceitual que estruturou a Nakagin Capsule Tower, transformando-a em experiência tátil e aberta à experimentação. Uma cápsula original do edifício foi exibida no MoMA na primavera de 2025, reafirmando a permanência do projeto no imaginário contemporâneo, agora entre o acervo institucional e o universo dos objetos colecionáveis.

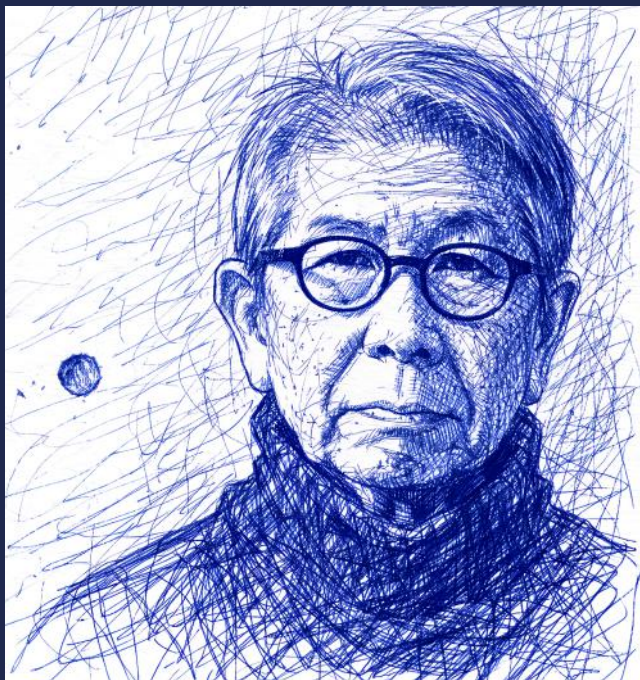
Esta interpretação do célebre edifício Nakagin Capsule Tower, que esteve de pé em Tóquio entre 1972 e 2022, funciona como um objeto lúdico preciso para entusiastas da arquitetura. O jogo é composto por 21 blocos de madeira que se encaixam e se empilham para formar uma torre em miniatura. Não se trata de uma reprodução literal, mas de uma abstração do edifício original, que incorpora o princípio da modularidade como base para um jogo de montagem, permitindo configurações praticamente infinitas.



PERFIL

Perfil de um arquiteto ou escritório de arquitetura escolhido pelo editor.

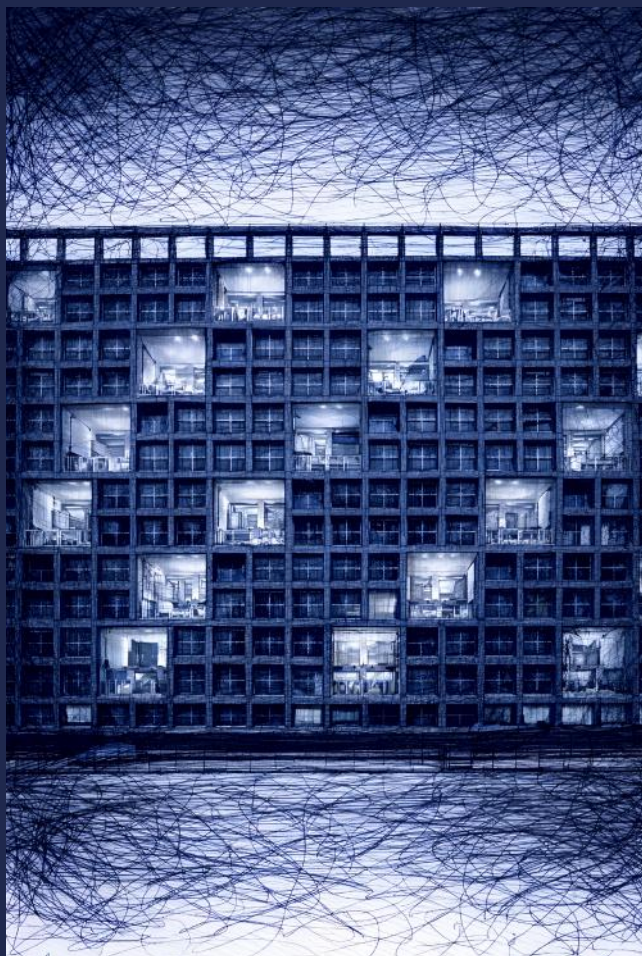
Riken Yamamoto é um arquiteto japonês cuja obra se constrói a partir de uma reflexão profunda sobre a relação entre espaço privado, espaço coletivo e vida comunitária. Nascido em Pequim, em 1945, e formado pela Universidade Nihon e pela Universidade de Artes de Tóquio, Yamamoto desenvolveu uma trajetória singular no cenário da arquitetura contemporânea, marcada por uma postura crítica em relação ao individualismo espacial e por uma busca constante por arquiteturas capazes de reconstruir vínculos sociais.



Desde os primeiros projetos, sua produção se distancia tanto do formalismo icônico quanto da abstração puramente tecnológica. O centro de sua investigação está na ideia de que a arquitetura deve tornar visíveis as estruturas sociais que a sustentam. Para Yamamoto, edifícios não são objetos autônomos, mas dispositivos que organizam encontros, conflitos, transparências e negociações entre indivíduos. Essa visão se manifesta de forma recorrente em plantas abertas, espaços intermediários, circulações compartilhadas e limites deliberadamente ambíguos entre o que é público e o que é privado.

RIKEN YAMAMOTO

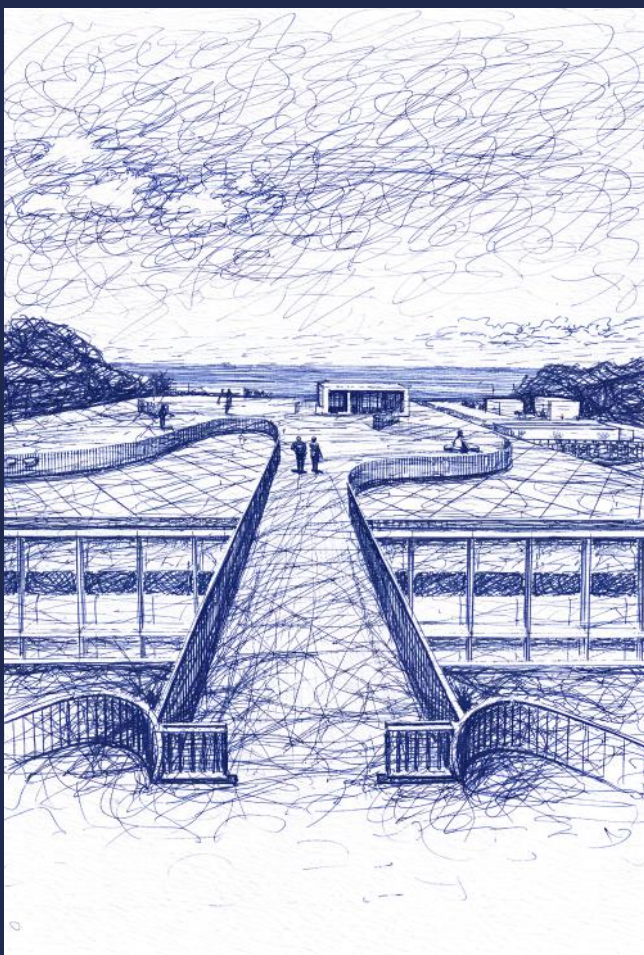
Nos projetos habitacionais, tema central de sua obra, Yamamoto questiona o modelo convencional de moradia isolada. Conjuntos como Hotakubo Housing e Pangyo Housing introduzem pátios coletivos, galerias abertas e acessos compartilhados como estratégias para estimular a convivência cotidiana. Em trabalhos mais recentes, como os Apartamentos no Canal Shinomon, em Tóquio, essa investigação se aprofunda por meio da relação direta entre habitação, água e espaço público. As circulações abertas e os ambientes intermediários colocam os moradores em contato visual permanente com o entorno, reforçando a noção de vida urbana como experiência compartilhada.



Apartamentos em Shinomon canal, Tóquio

Essa mesma lógica se estende aos edifícios públicos e institucionais. Na Prefeitura de Fussa, Yamamoto propõe um edifício administrativo que se comporta como extensão da cidade, com térreos permeáveis, espaços coletivos acessíveis e uma organização interna que dilui a hierarquia tradicional do poder público. A arquitetura, nesse caso, atua como instrumento de transparência cívica e aproximação entre governo e cidadãos.

No Museu de Arte de Yokosuka, implantado de frente para o mar, a arquitetura se organiza como uma sequência contínua de espaços horizontais. Interior e exterior se articulam por meio de grandes planos, aberturas generosas e percursos que acompanham a paisagem costeira. O museu evita o gesto monumental e se afirma como infraestrutura cultural aberta, permitindo que o visitante perceba simultaneamente a arte, o horizonte marítimo e o fluxo da cidade.

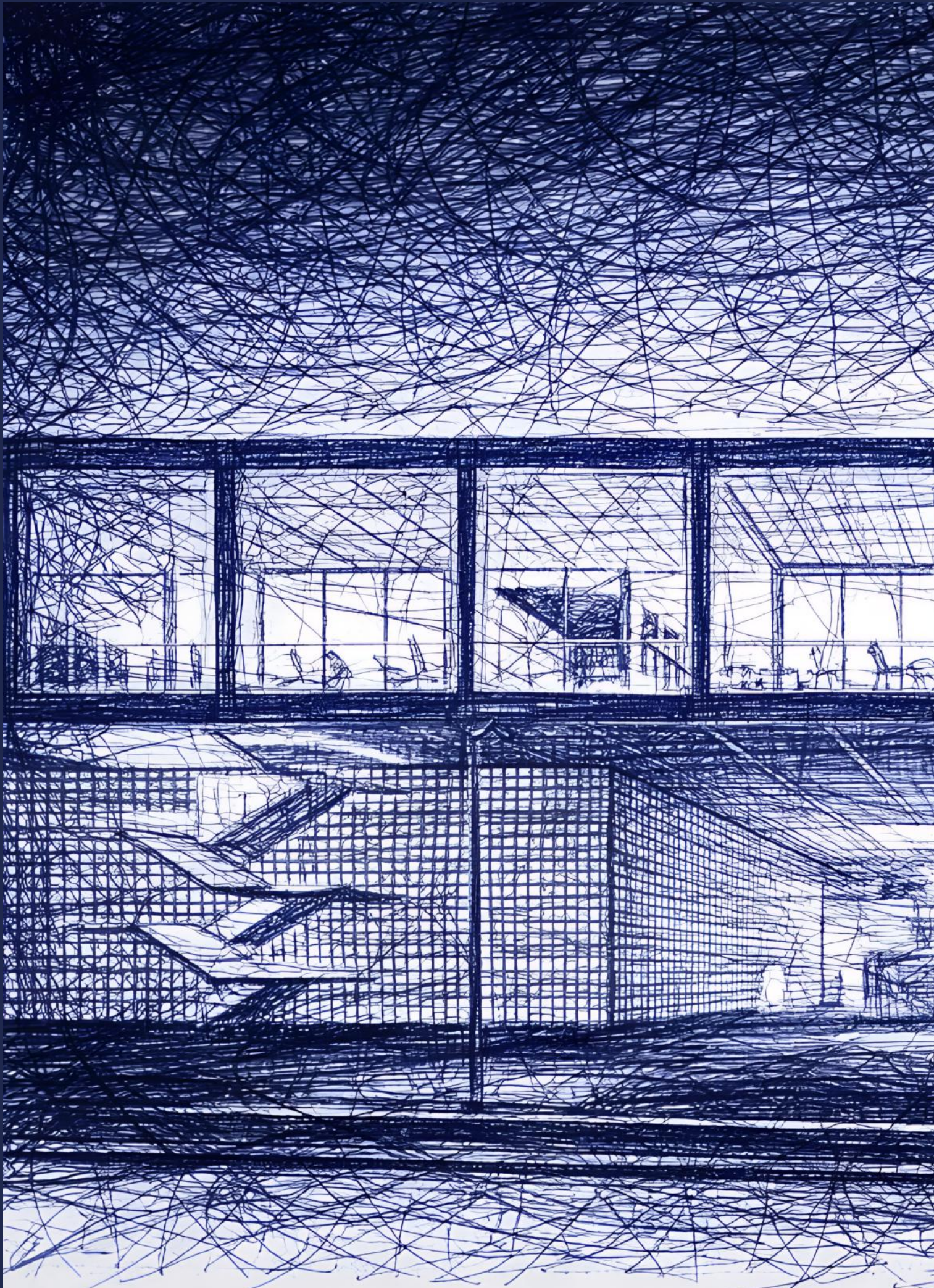


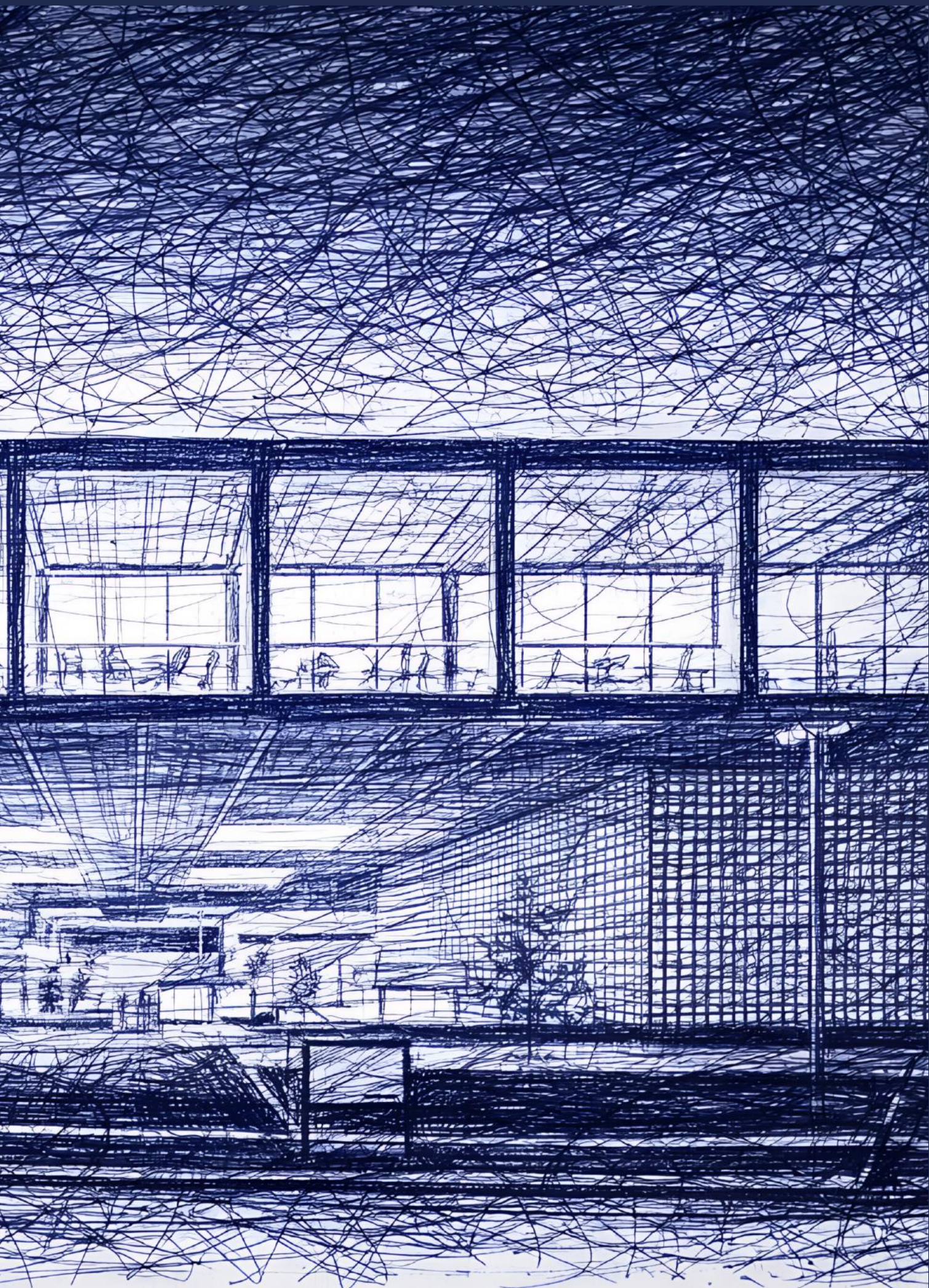
Museu de arte de Yokosuka



Prefeitura de Fussa

Outro aspecto recorrente em sua obra é a clareza estrutural e construtiva. Yamamoto adota sistemas racionais, frequentemente modulados, nos quais a estrutura é legível e participa diretamente da definição espacial. Esse princípio aparece de forma exemplar na Universidade Zokei, onde edifícios baixos e contínuos se organizam em torno de pátios e percursos compartilhados, criando um verdadeiro campus urbano. A ausência de limites rígidos entre departamentos e áreas comuns estimula encontros informais e reforça o caráter coletivo do ambiente acadêmico.



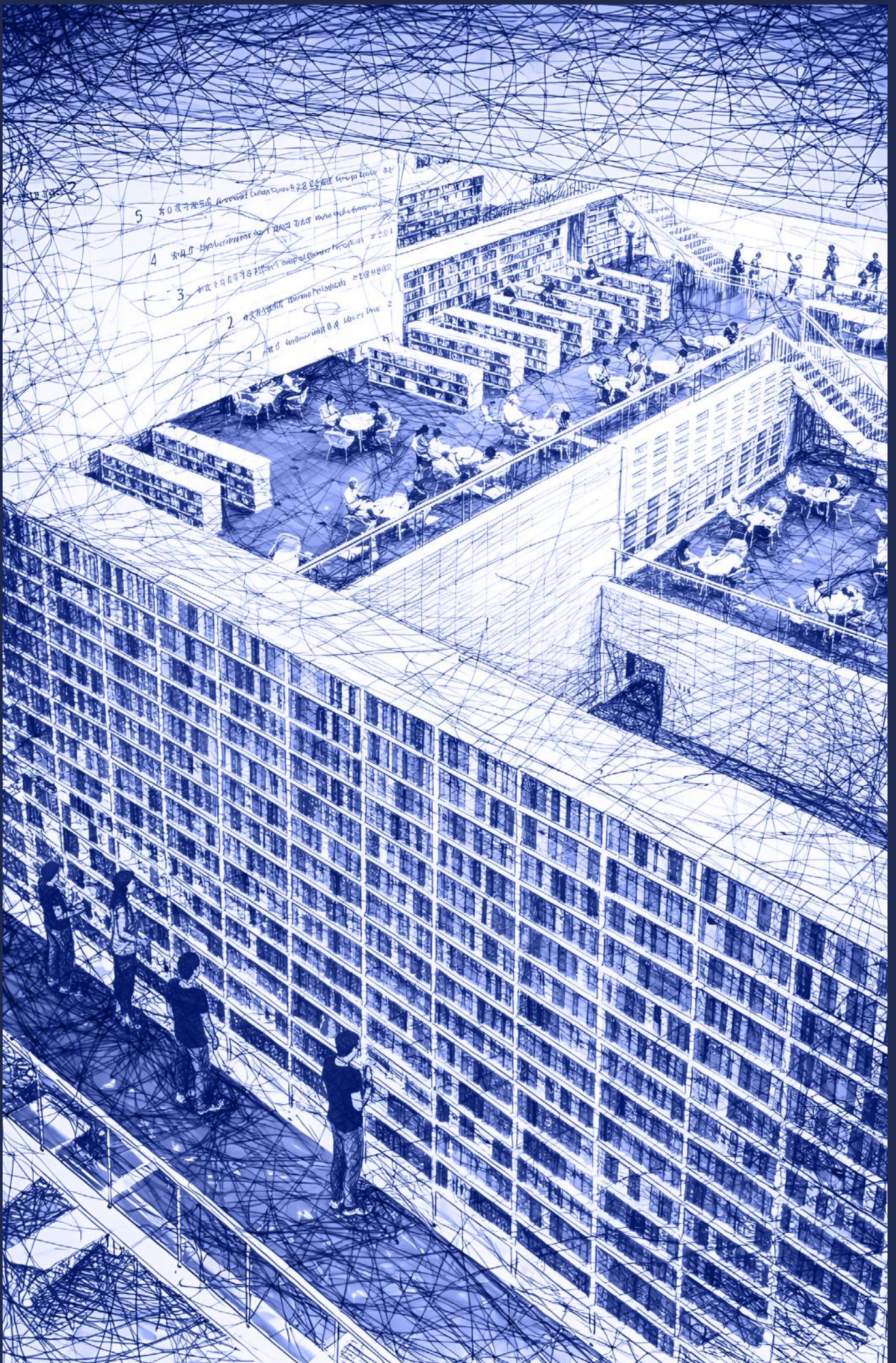


Na Biblioteca de Tianjin, Yamamoto transpõe essas ideias para um contexto de grande escala e alta densidade. O edifício se estrutura como um sistema aberto de planos, passarelas e espaços sobrepostos, no qual a leitura, a circulação e a permanência se misturam. A biblioteca deixa de ser apenas um repositório de livros para se tornar um espaço cívico ativo, voltado ao encontro, à permanência e à troca de conhecimento.

Essa racionalidade construtiva, no entanto, não resulta em rigidez formal. Pelo contrário, serve de base para uma arquitetura flexível, capaz de se adaptar a diferentes usos ao longo do tempo. A transparência, tanto física quanto conceitual, é elemento central desse processo, reforçando a ideia de arquitetura como campo de relações e não como objeto fechado.

Em 2024, Riken Yamamoto recebeu o Prêmio Pritzker de Arquitetura, reconhecimento que consolidou a relevância de sua trajetória. O júri destacou sua contribuição para a redefinição da arquitetura como prática social, enfatizando sua capacidade de criar espaços que promovem comunidade, responsabilidade coletiva e consciência cívica. Mais do que uma obra marcada por gestos formais, o legado de Yamamoto reside na construção de uma ética espacial, na qual a arquitetura assume papel ativo na organização da vida em comum.

Seu trabalho propõe, de forma silenciosa e consistente, uma alternativa à fragmentação urbana contemporânea. Ao tornar visíveis as relações humanas inscritas no espaço, Riken Yamamoto reafirma a arquitetura como instrumento político no sentido mais essencial do termo: aquele que estrutura o convívio e dá forma ao espaço compartilhado da cidade.



PERMANÊNCIA

HERMES 880

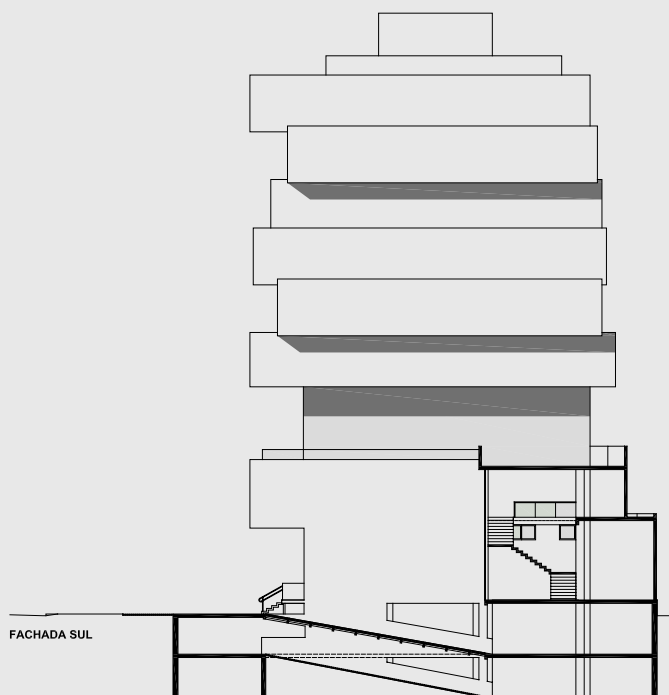
Obra construída do escritório e arquitetura em uso.

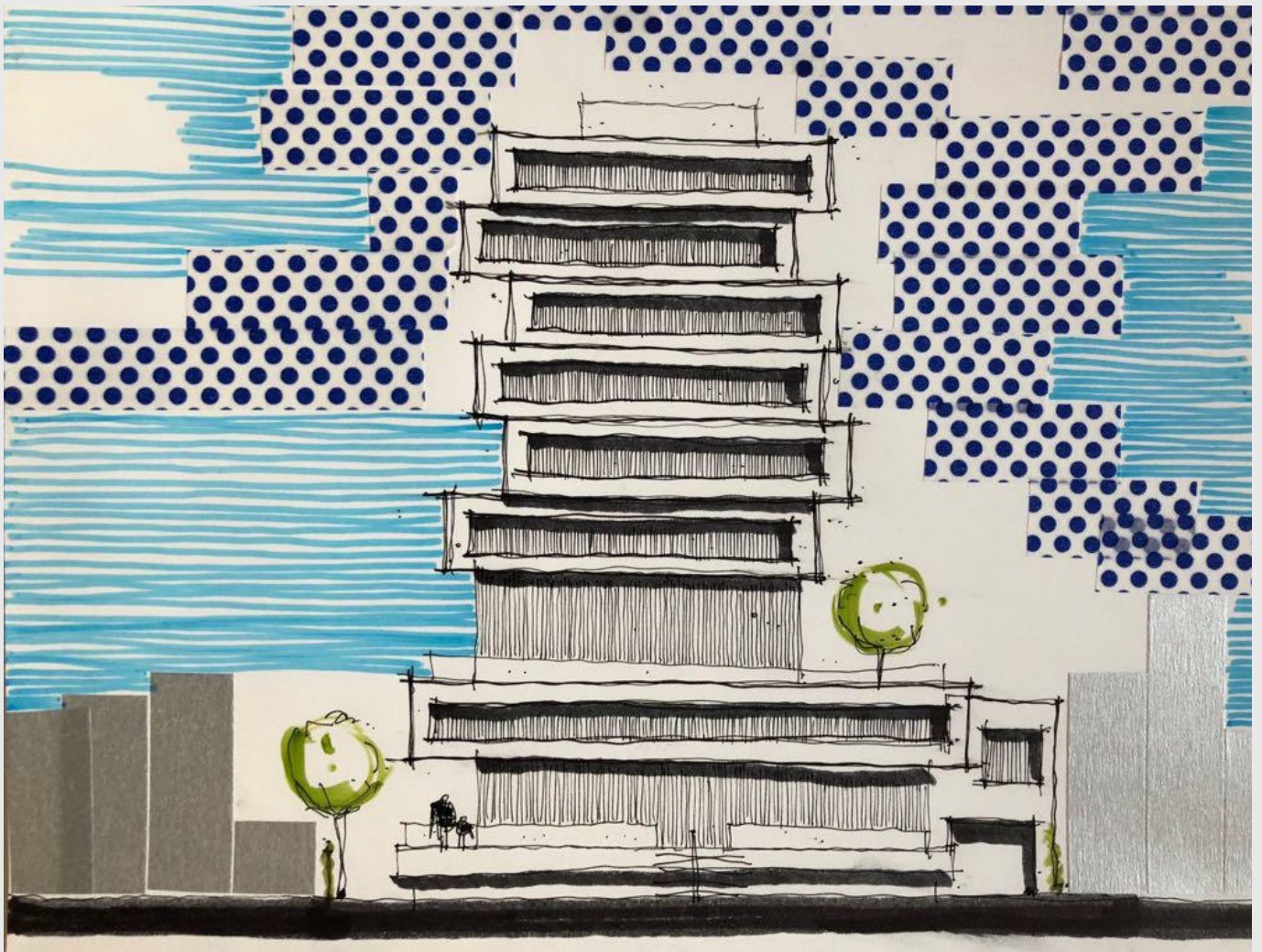
O Hermes 880 é um edifício comercial de pequeno porte cuja expressão arquitetônica se constrói a partir de uma operação estrutural simples, porém explorada de maneira não convencional. Uma estrutura única sustenta lajes de dimensões variadas, organizadas por um deliberado desalinhamento que confere ao conjunto uma plasticidade incomum no contexto urbano de Natal. A imagem evocada é a de livros empilhados aleatoriamente, referência direta à composição volumétrica do edifício.

Essa busca por uma linguagem menos previsível, marcada por balanços acentuados, lajes que ora avançam, ora se retraem, e por uma fachada que parece estar em movimento, foi determinante para a contratação do arquiteto para o projeto do Hermes 880. Influências da arquitetura holandesa e do trabalho do arquiteto mexicano Ricardo Legorreta são assumidas como parte do repertório que orientou o desenho. Na mesma avenida e para o mesmo empreendedor, o escritório desenvolve atualmente um segundo edifício comercial.

Implantado na avenida Marechal Hermes da Fonseca, eixo comercial que atravessa os bairros de Petrópolis e Tirol, o Hermes 880 abriga duas lojas no térreo, um escritório e o restaurante Marechal, também desenhado pelo FBA, na sobreloja, além de 14 salas comerciais com áreas que variam entre 150 e 250 metros quadrados. A organização do programa se beneficia diretamente do “desordenamento” proposital das lajes, permitindo configurações internas diversas e maior flexibilidade para a comercialização das unidades.

Apesar da aparência estruturalmente ousada, o edifício manteve-se dentro de parâmetros econômicos convencionais. A opção por menos aberturas e pela contenção das áreas envidraçadas responde tanto a critérios de custo quanto às condições climáticas locais. Em Natal, o excesso de luminosidade natural pode se tornar um problema, e o projeto adota uma postura mais controlada nesse aspecto.

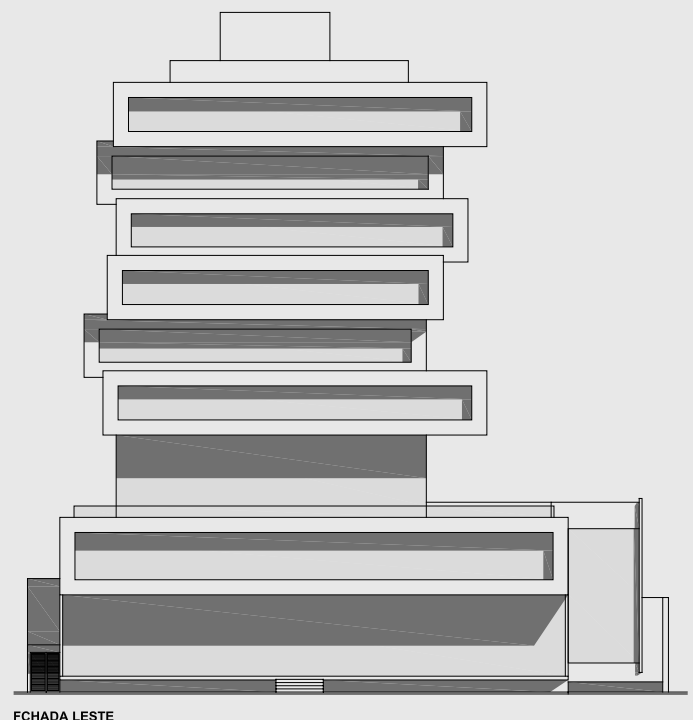




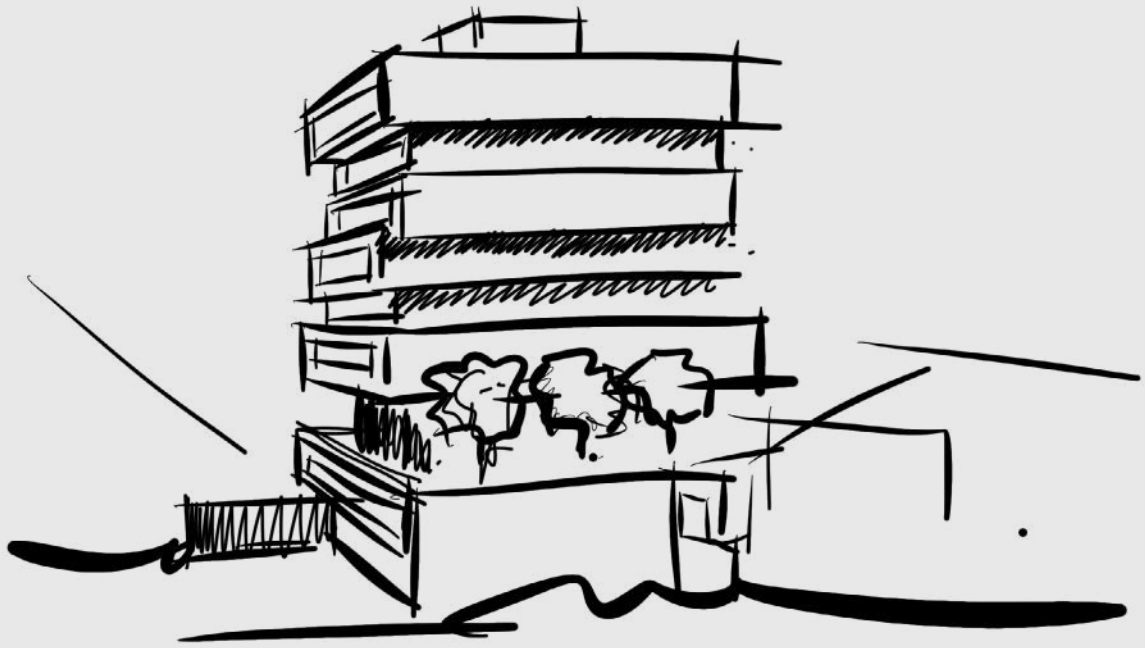
As fachadas principal e posterior, assim como as empenas cegas, recebem acabamento em pastilhas, material recorrente na arquitetura das capitais nordestinas. A posição da edificação no lote favorece a ventilação cruzada natural nas salas comerciais, com entrada de ar pela face leste e saída pela face oeste. Estruturalmente, o edifício é rigoroso na repetição: pilares e lajes mantêm sempre as mesmas espessuras, ainda que nenhuma laje tenha exatamente a mesma dimensão.

O jogo volumétrico das lajes, projetando-se e retraindo-se nas fachadas e nas laterais, atende simultaneamente a uma intenção plástica e a uma exigência funcional. Os pavimentos corporativos possuem pé-direito de 3 metros, enquanto o térreo e a sobreloja alcançam 4,5 metros, reforçando a hierarquia programática.

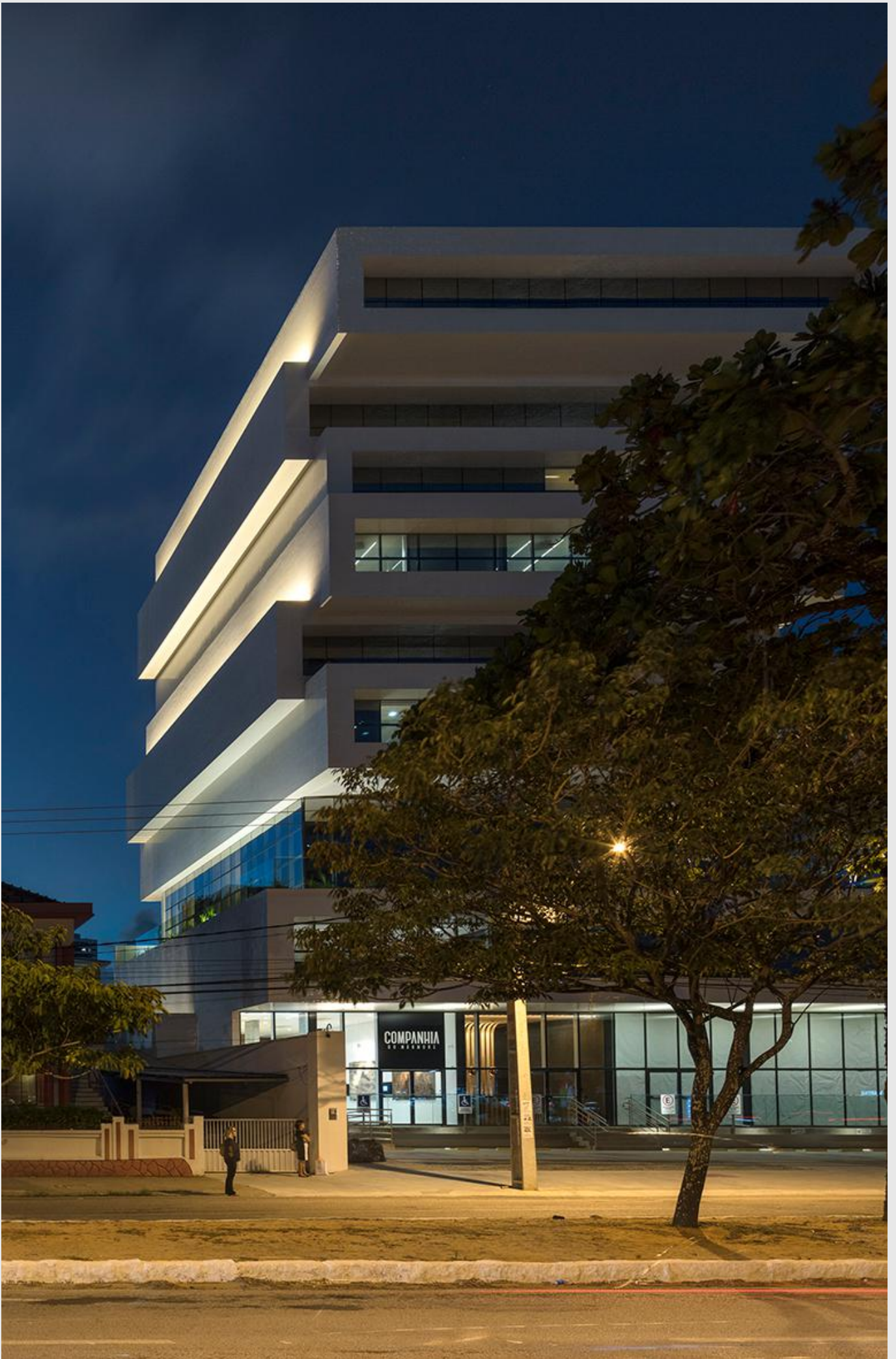
Desde 2019, o edifício Hermes 880 integra a coleção permanente da Casa da Arquitetura, em Portugal, reconhecimento que consolida sua relevância enquanto obra que articula economia construtiva, estratégia estrutural e expressão arquitetônica singular.











NAKAGIN CAPSULE TOWER KISHO KUROKAWA TÓQUIO, JAPÃO

Tive o privilégio de conhecer as cápsulas antes da demolição, na ocasião em que eu estava no Japão para realizar uma exposição. Entre as diversas visitas que eu desejava realizar naquele período, uma das mais importantes era justamente a esse edifício, que sempre ocupou um lugar central no meu imaginário como fotógrafo e como observador da arquitetura japonesa.

Consegui então acessar e registrar essas imagens das cápsulas ainda existentes, observando de perto seus espaços mínimos, suas soluções construtivas e as marcas deixadas pelo tempo. Ainda bem que essas fotografias foram feitas, pois não muito tempo depois o edifício foi demolido.







Artigo

Primeira parada: Tóquio

Quando o Felipe me convidou para escrever sobre histórias que vivi nos lugares onde morei, com um olhar na arquitetura e no design, logo estava implícito para ambos começar com o Japão, que me é muito especial. Eu penso que sempre gostei de design, arquitetura, cores e arte. Mas foi no Japão que consolidei esse entusiasmo pela forma e pelo espaço, a relação deles com as pessoas e com tudo o que vem junto nesse pacote inseparável e fascinante.

Recentemente, lendo sobre como as crianças têm a enorme capacidade de absorver, aprender os idiomas, em qualquer lugar do mundo, logo me dei conta de que quando cheguei a Tóquio para morar, em janeiro de 2011, eu era um tanto analfabeta em arquitetura e penso que eu fui alfabetizada lá. Acho que fiquei em estado de esponja, absorvi tudo aquilo de uma maneira muito intensa, fascinante, quase deslumbrada. Em Tóquio, a arquitetura vai entrando pelos poros, vai brilhando nos olhos e fazendo parte do nosso dia-a-dia, todos os dias. Para mim, arquitetura traz o melhor sentimento ao me deparar com o belo, o funcional, o inusitado; e os detalhes simples ou extraordinários que fazem os olhos sorrirem marotamente.

No Japão, por causa da grande incidência de terremotos, os edifícios frequentemente vão-se adaptando a estritos protocolos de segurança. Não é raro – e para leigos, às vezes, surpreendente! – que imóveis sejam postos abaixo e novos projetos sejam executados com o que há de mais moderno em matéria de amortecedores e outras novidades técnicas para evitar que o prédio seja danificado com os tremores quase diários que o país enfrenta. Dizem que o ciclo de vida dos edifícios no Japão é menor do que em outros lugares e, possivelmente, essa é uma das razões por que vemos sempre tanta coisa nova por lá. Aparentemente, em alguns casos, sai mais barato construir do zero do que reparar danos ou reformar.

E eu estava lá quando houve o grande terremoto de 2011, seguido de um tsunami de proporções gigantescas, na região de Tohoku. Foi o maior terremoto mensurado que o Japão jamais enfrentou. Fazia apenas seis semanas

Arte por

Flávio Freitas

que tinha chegado pela primeira vez ao Japão e estava começando a organizar a vida que teria lá nos anos seguintes.

Apesar desse susto enorme logo na chegada, minha experiência no Japão, literalmente, marcou uma nova etapa de vida, até porque cheguei lá no dia do meu aniversário, em janeiro daquele ano. Um novo ciclo para resto da vida; um presente de aniversário, como eu logo percebi.

Tóquio é uma cidade que acolhe, que fascina, atrai e inspira, com sua sofisticação em tanta coisa que se vê. Tudo é requintado no sentido de ser especial sempre, da atenção ao cuidado, nos detalhes e nas relações com as pessoas. Até a bagunça é arrumada! E o terremoto me fez prestar atenção em tudo isso com mais vagar.

Não estou escrevendo para falar de terremotos, mas foi essa experiência, que de certo modo também me aproximou muito do povo japonês, que foi o pano de fundo para que eu notasse e me interessasse pela intensa atividade de guias e construções, sobretudo em Tóquio, onde vivia. Logo de cara comecei a notar as estruturas dos edifícios, intactos, apesar de terem balançado, em muitos casos, por mais de um metro lateralmente. Eu vi e senti no meu próprio corpo o que isso significa no chão... e esse olhar e a curiosidade fizeram com que eu me apaixonasse pelas construções belíssimas e seguras, atraentes e impecáveis que comecei a encontrar, desde os brilhantes e limpos tapumes brancos que protegem todas as obras, como os caminhos de concreto (e que concreto faz o Japão!) que carregam um saco na calha de saída para que as ruas não se sujem com as sobras, até a preparação de alguns terrenos com rituais xintoístas para receber a construção. Me apaixonei também pelas pequenas casinhas, modernas ou muito velhas, que parecem mais maquetes em tamanho maior que o usual; as de madeira e mínimas que parecem não fazer muito esforço para ficarem de pé.

Arquitetura e design para mim andam juntos e, como sou leiga, acho que posso dizer isso, não é? Para mim sempre andam juntos porque a arquitetura sempre tem design e o design sempre pode ter arquitetura. Então fui aprendendo a



olhar, a entender, a conhecer, a notar detalhes de tudo: material, espaço, luz, arranjos, funcionalidade, interação. A ficar mais curiosa do que já normalmente sou, e assim eu fui conhecendo pessoas, descobrindo lugares e projetos, e até hoje, quinze anos depois de chegar ao Japão pela primeira vez, eu tenho esse gostinho de quero mais toda vez que volto a Tóquio. Andar sem rumo pela cidade e ir notando os mais variados detalhes nas construções grandes e pequenas, nos pequenos cafés e restaurantes, nas casinhas, é maravilhoso.

Sempre tive interesse por arquitetura, mesmo quando eu nem sabia direito o que era. Jovem pré-adolescente eu dizia que queria ser arquiteta, não sei por que não segui achando isso, mas virou meu hobby, grande motivação, e curiosidade incessante de ler a respeito, visitar lugares. Com muita frequência vou a lojas, galerias ou restaurantes porque o espaço me chama a atenção, ou porque li a respeito do lugar ou do projeto, dos materiais, do arquiteto ou da construção em alguma publicação. Ou simplesmente porque me atrai. Paro meu carro ou faço um desvio de bicicleta para fotografar um prédio bonito, ou diferente, entro em lugares para ver o que vou encontrar, e se for bonito, criativo ou atraente, ou pelo menos parecer ter uma história para contar, vou atrás de saber quem construiu, para quem e para quê. E assim tem sido nesses últimos anos em que, de certo modo, esse "ofício" me encontrou. E foi por causa dessa atração pelo belo e criativo que eu encontrei o Felipe Bezerra: vi uma foto do Leonardo Finotti de um projeto dele que me encantou e quis saber quem era esse arquiteto que tinha feito aquela obra tão linda em Natal. O resto é história.

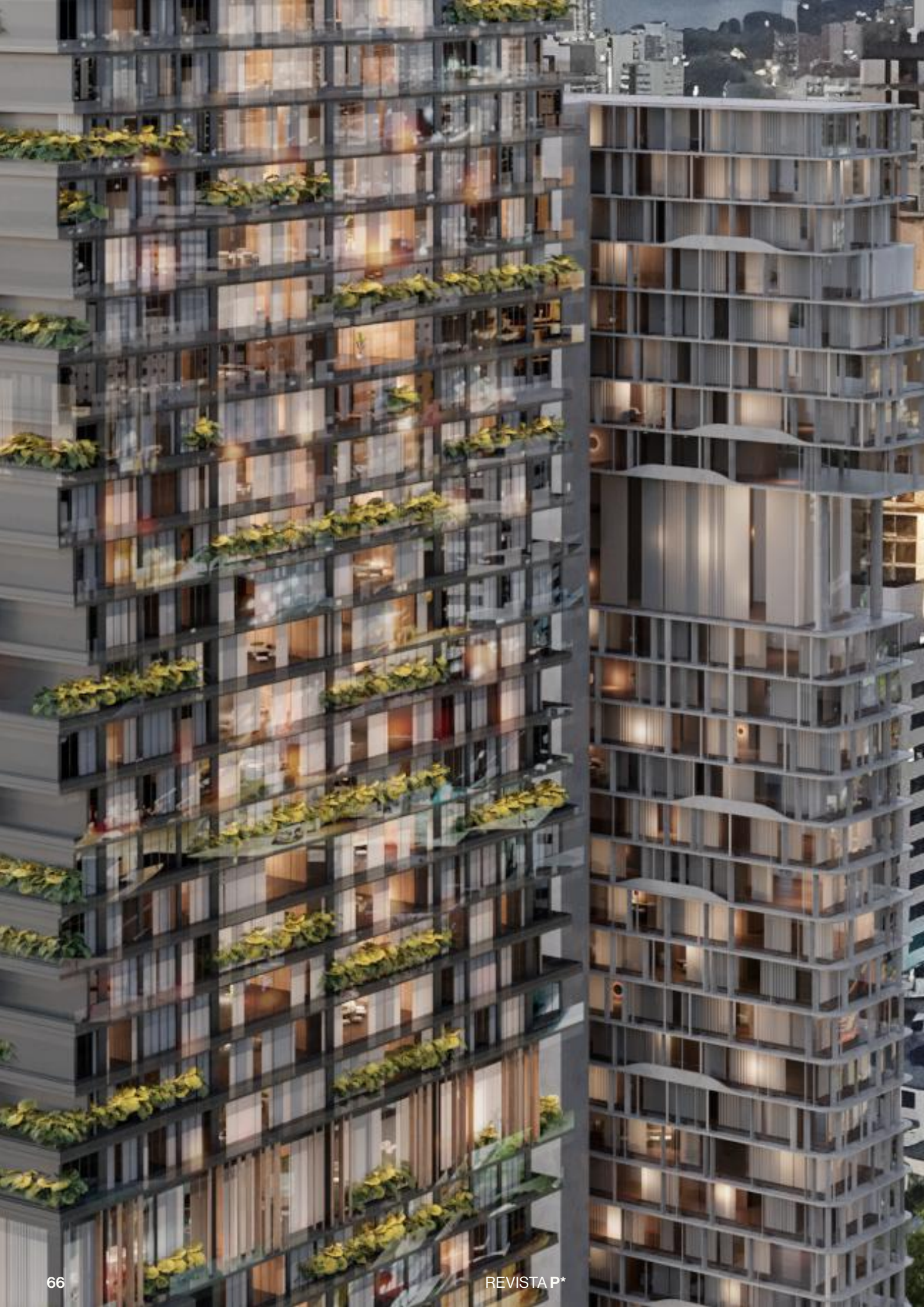
Tenho feito o mesmo em qualquer lugar por onde passo e, como aprendi também no Japão, toda obra é sempre motivada e inspirada para melhorar o dia-a-dia das pessoas, das cidades, e da relação entre ambos. Com esse exercício prazeroso, aprendo todos os dias, entendo melhor os lugares e as pessoas; afinal é para as pessoas que tudo é planejado, ou pelo menos deveria ser.

Agradeço o convite e espero poder contribuir modestamente para esse projeto fascinante com algumas histórias ou curiosidades do que tenho vivido por aí, ao longo dos anos.

PUXADINHO

POR
ADÃO ITURRUSGARAI





CIDADE BAUHAUS

PRÓXIMA EDIÇÃO

POST-SCRIPTUM

A edição impressa da revista P* inclui, em série limitada, um encarte especial composto por um croqui impresso em papel Cotone Ivory 250mg, no formato 15 x 15 cm. O encarte acompanha exclusivamente os 250 primeiros exemplares da publicação, numerados em série e assinados por Felipe Bezerra, afirmando seu caráter autoral e seu valor como peça colecionável.

Na primeira edição, o croqui apresentado é o da poltrona Peralta, peça integrante da coleção do estúdio Mula Preta, estabelecendo um diálogo direto entre desenho, objeto e processo criativo.

Oferecimento:

MULA 
PRETA



